

# apartes

NÚMERO 16 - AGOSTO-SETEMBRO/2015

Distribuição gratuita



## Tons de respeito

**Em 1999 a CMSP aprovou primeira lei municipal sobre LGBTs. Tema voltou à tona no debate sobre o Plano de Educação**



### **Apenas diferentes**

Síndrome de Down não é barreira para uma vida independente

### **Alcântara Machado**

Homem de letras e de leis, ele é o único ex-vereador membro da ABL

#### Mesa Diretora

**Presidente:** Antonio Donato (PT)  
**1º Vice-Presidente:** Edir Sales (PSD)  
**2º Vice-Presidente:** Toninho Paiva (PR)  
**1º Secretário:** Aurélio Nomura (PSDB)  
**2º Secretário:** Paulo Frange (PTB)  
**1º Suplente:** Noemi Nonato (PROS)  
**2º Suplente:** Eduardo Tuma (PSDB)  
**Corregedor:** Dalton Silvano (PV)

#### Vereadores da 16ª Legislatura (2013-2016)

Abou Anni (PV), Adilson Amadeu (PTB), Adolfo Quintas (PSDB), Alessandro Guedes (PT) - suplente em exercício, Alfreidinho (PT), Andrea Matarazzo (PSDB), Anibal de Freitas (PSDB), Antonio Carlos Rodrigues (PR) - licenciado, Antonio Donato (PT), Ari Friedenbach (PROS), Arselino Tatto (PT), Atílio Francisco (PRB), Aurélio Miguel (PR), Aurélio Nomura (PSDB), Calvo (PMDB), Celso Jatene (PTB) - licenciado, Claudinho de Souza (PSDB), Conte Lopes (PTB), Dalton Silvano (PV), David Soares (PSD), Edir Sales (PSD), Eduardo Tuma (PSDB), Eliseu Gabriel (PSB), George Hato (PMDB), Gilson Barreto (PSDB), Jair Tatto (PT), Jean Madeira (PRB) - licenciado, Jonas Camisa Nova (Democratas), José Police Neto (PSD), Juliana Cardoso (PT), Laércio Benko (PHS), Mario Covas Neto (PSDB), Marquito (PTB) - suplente em exercício, Milton Leite (Democratas), Nabil Bonduki (PT) - licenciado, Natalini (PV), Nelo Rodolfo (PMDB), Netinho de Paula (PDT), Noemi Nonato (PROS), Ota (PROS), Patrícia Bezerra (PSDB), Paulo Fiorilo (PT), Paulo Frange (PTB), Pr. Edemilson Chaves (PP), Quito Formiga (PR), Reis (PT), Ricardo Nunes (PMDB), Ricardo Teixeira (PV), Ricardo Young (PPS), Salomão Pereira (PSDB), Sandra Tadeu (Democratas), Senival Moura (PT), Souza Santos (PSD), Toninho Paiva (PR), Toninho Vespoli (PSOL), Ushitaro Kamia (PSD) - suplente em exercício, Valdecir Cabrabom (PTB) - suplente em exercício, Vavá (PT), Wadih Mutran (PP).

#### Expediente

**Editores executivos:** José Carlos T. de Camargo Filho e Maria Isabel L. Correa  
**Elaboração:** CCI.3 - Equipe de Comunicação da CMSP  
**Editor:** Sândor Vasconcelos  
**Editora assistente:** Gisele Machado  
**Repórteres:** Fausto Salvadori Filho e Rodrigo Garcia  
**Editoração e arte:** Elton Jhones Pereira, Leonardo Pedrazzoli e Rogério Alves  
**Apoio jornalístico:** Assessoria de Imprensa da Presidência  
Diretoria de Comunicação Externa  
**Fotografia:** Ângelo Dantas, Fábio Lazzari, Gute Garbelotto, Mozart Gomes, Reinaldo Stávale, Ricardo Rocha e Marcelo Ximenez  
**Apoio e expedição:** Leandro Uliam  
**Mídias sociais:** Livia Tamashiro  
**Estagiários:** Alyne Scarpioni, Carlos Mendonça, Fernando Maluf Ferrari, Késsia Riany e Matheus Briet  
**Unidades de apoio:** Procuradoria, Secretaria Geral Parlamentar - SGP  
Secretaria de Documentação - SGP.3  
Secretaria de Recursos Humanos - SGA.1  
Secretaria de Infraestrutura - SGA.3  
Equipe de Garagem e Frota - SGA.33

**CTP, impressão e acabamento:** Imprensa Oficial do Estado de São Paulo  
**Capa:** Arte de Fernando Maluf Ferrari / Personagem de Maurício de Sousa Produções

#### Revista Apartes - Palácio Anchieta

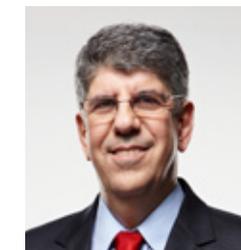
Viaduto Jacareí, 100 - Anexo, 2º andar, sala 212A - Bela Vista  
São Paulo - SP - CEP 01319-900  
Tel.: (11) 3396-4206 - E-mail: [apartes@camara.sp.gov.br](mailto:apartes@camara.sp.gov.br)  
Versão digital disponível em: [www.camara.sp.gov.br](http://www.camara.sp.gov.br)

**Tiragem:** 10.000 exemplares  
**Fechamento desta edição:** 29/9/2015

Solicite o recebimento da revista **Apartes** em sua casa, gratuitamente, preenchendo cadastro no portal [www.camara.sp.gov.br](http://www.camara.sp.gov.br).

## PALAVRA DO PRESIDENTE

**Vereador Antonio Donato**  
Presidente da CMSP



*Sua opinião é  
muito importante para a  
construção deste veículo  
de comunicação pública*

Entre em contato:  
[apartes@camara.sp.gov.br](mailto:apartes@camara.sp.gov.br)

Siga:  
[@RevistaApartes](#)

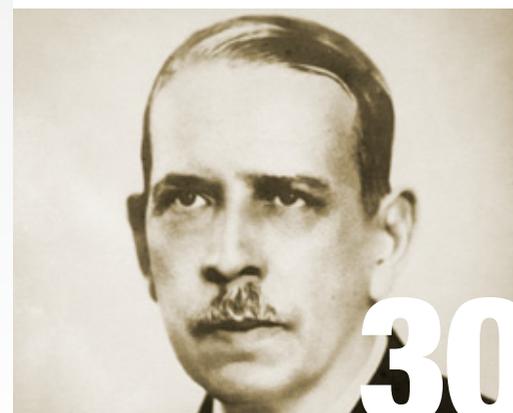
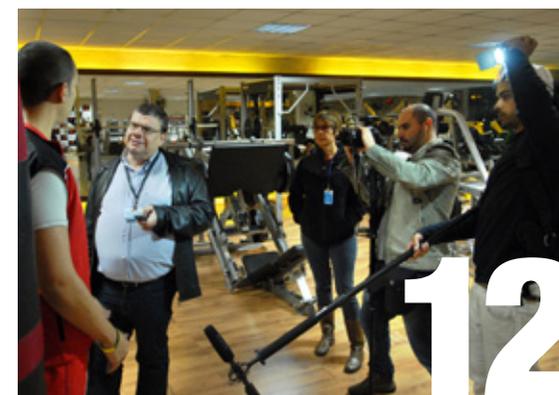
Curta:  
[/RevistaApartes](#)

Visite:  
[www.camara.sp.gov.br](http://www.camara.sp.gov.br)

# apartes



Solicite o recebimento da revista **Apartes** em sua casa, gratuitamente, preenchendo cadastro no portal [www.camara.sp.gov.br](http://www.camara.sp.gov.br)



## SUMÁRIO

- 3 Palavra do Presidente**
- 6 Notas**
- 8 Educação**  
Ponte para o saber
- 12 Comunicação**  
Apartes na televisão
- 14 Inclusão social**  
Diferente e em frente
- 20 Direitos humanos**  
Questão de gênero, questão de gente
- 30 Perfil**  
Alcântara Machado  
O imortal quatrocentão
- 38 Economia**  
Ligada 24h

## Prêmio Betinho celebra cidadania e democracia

A organização não governamental (ONG) Banco de Alimentos foi a vencedora da edição 2015 do Prêmio Betinho de Democracia e Cidadania da Câmara Municipal de São Paulo. A entidade distribuiu excedentes do comércio em estado perfeito para o consumo humano. Em sessão solene no dia 19 de agosto, foram entregues a Salva de Prata à ONG e menções honrosas para outros dois projetos finalistas, entre 28 inscritos: o *Anima jovem*, criado pela Associação Civil Anima para ampliar o universo cultural dos atendidos, e o *Um teto para meu País – projeto casas emergenciais*, que une universitários e jovens profissionais para construir voluntariamente locais de abrigo e programas de habilitação social voltados a famílias em assentamentos irregulares e favelas.

Criado em 1997, o prêmio é destinado a projetos que lutam contra a fome, a miséria e a exclusão social, lembrando as lutas do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. A solenidade, presidida pelo vereador Calvo (PMDB), contou com também a presença do vereador Netinho de Paula (PDT) e do secretário municipal de Direitos Humanos e Cidadania, Eduardo Suplicy.



Alunos assistem à aula inaugural do Repórter do Futuro

## Câmara abre as portas para jovens jornalistas

Desde 22 de agosto, com duração de oito sábados, ocorre na CMSP a oitava edição do Repórter do Futuro, curso gratuito destinado a estudantes de jornalismo da capital e região metropolitana. O projeto, que neste ano tem o tema *Descobrir São Paulo – descobrir-se repórter*, é realizado pela Escola do Parlamento, em parceria com a Oboré Projetos Especiais em Comunicações e Artes e com o Sindicato dos Professores de São Paulo. Como tarefa prática, os alunos participantes farão a cobertura jornalística do Câmara no Seu Bairro e acompanharão atividades do portal da CMSP, da TV Câmara, da Assessoria de Imprensa da Casa e da **Apertes**.

## 120 anos do Tratado Brasil-Japão será lembrado na Câmara

A Câmara Municipal de São Paulo (CMSP) vai realizar, em 10 de novembro, uma solenidade para celebrar os 120 anos do Tratado de amizade, comércio e navegação Brasil-Japão e os 100 anos do consulado japonês no País, em parceria com a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e com a Câmara dos Deputados.

Para isso, instalou em agosto a Comissão Brasil-Japão, presidida pelo

vereador Aurélio Nomura (PSDB) e composta ainda por George Hato (PMDB), Ota (PROS) e Ushitaro Kamia (PSD). Estiveram na instalação Harumi Arashiro Goya (presidente da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social), Takahiro Nakamae (cônsul-geral do Japão em São Paulo) e Yoshiharu Kikuchi (presidente da Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo).

## Instalada a CPI das torcidas organizadas

Está em andamento na CMSP, até o início de novembro, a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) das torcidas organizadas, que investiga a relação dos clubes de futebol paulistanos com as torcidas e a violência gerada nos estádios ou fora deles. “Se há uma torcida organizada, existe um clube que, por sua vez, está filiado à Federação e à Confederação Brasileira de Futebol, e todos são responsáveis, é uma cadeia”, disse, durante a instalação da CPI, seu presidente, o vereador Laércio Benko (PHS). O vice-presidente da Comissão é Conte Lopes



Situação das torcidas organizadas dos times paulistanos será investigada

(PTB), o relator é Ota (PROS) e os demais participantes são os vereadores Adolfo Quintas (PSDB), Alesandro Guedes (PT), Calvo (PMDB), José Police Neto (PSD), Ricardo Teixeira (PV) e Toninho Paiva (PR).

## Após reportagem, Bertioga homenageia Ítalo Fittipaldi



Vereador Toninho Rodrigues homenageia Ítalo (direita)

Um perfil sobre o ex-vereador paulistano Ítalo Fittipaldi, publicado na edição de maio da **Apertes**, chamou a atenção dos moradores de Bertioga, no litoral norte paulista. Apesar de Ítalo morar há 13 anos na cidade, poucos habitantes de lá sabiam que ele, de 88 anos, havia sido vereador na capital paulista e deputado federal por quatro mandatos.

“Gosto de ficar nos bastidores”, brinca Ítalo. Em 11 de agosto, Fittipaldi saiu por alguns momentos dos bastidores para ocupar o plenário da Câmara Municipal de Bertioga, onde foi homenageado com uma moção de parabenização “por sua importante e dedicada carreira política e por sua contribuição ao desenvolvimento do estado de São Paulo”, concedida pelo vereador Toninho Rodrigues (DEM).

# Ponte para o saber

Com debates, cursos e pós-graduação gratuitos, Escola do Parlamento facilita acesso ao conhecimento sobre política, cidadania e cultura

Gisele Machado | gisele@camara.sp.gov.br

**N**os últimos quatro anos, mais de 8 mil pessoas participaram gratuitamente dos cursos livres e de pós-graduação ou dos seminários da Escola do Parlamento da Câmara Municipal de São Paulo (CMSP). Somente no primeiro semestre de 2015, 1.410 pessoas fizeram parte das 448 horas de atividades gratuitas, que debateram políticas públicas e o papel do Legislativo municipal.

Com notoriedade cada vez maior entre os cidadãos, a Escola do Parlamento vem ganhando reconhecimento também entre os acadêmicos. O doutor em Ciência Política Jairo Nicolau, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), acredita que a unidade de capacitação da Câmara realizou “o melhor ciclo de discussão sobre as instituições brasileiras dos últimos anos no Brasil”. Nicolau foi palestrante no *Ciclo de debates sobre sistemas eleitorais*, em



**CONCORRIDO**  
Professora Damares Vicente  
no curso sobre políticas  
para população de rua

um dos 13 encontros realizados entre maio e junho na sede da CMSP. “Não me lembro de ter visto um evento tão bem organizado, com tantos especialistas em temas tão importantes quanto os que foram tratados aqui”, enalteceu o acadêmico.

Segundo a Lei 15.506/2011, que criou a Escola do Parlamento, um dos objetivos da instituição é pro-

porcionar qualificação complementar e informar os cidadãos sobre a missão do Legislativo, por meio de atividades e publicações. Nesse público-alvo também estão as lideranças locais, que, no primeiro semestre deste ano, compuseram a turma

inaugural de um curso-piloto realizado na Vila Nova Cachoeirinha, na zona norte. “Somos uma unidade de apoio acadêmico reflexivo e de conhecimento técnico que, além do público interno, oferece a capacitação externa para cidadania”, explica

Christy Ganzert Pato, diretor-presidente da Escola do Parlamento.

Outro dos objetivos da Escola é estimular a pesquisa acadêmica sobre a Câmara. Nesse aspecto, o fomento tem sido feito por meio do recebimento permanente de artigos

científicos sobre políticas públicas e Poder Legislativo municipal, para publicação na revista *Parlamento & Sociedade*, que já tem duas edições.

**INTERESSE**

A atividade mais concorrida deste ano na Escola do Parlamento foi o primeiro módulo do curso *Políticas públicas para população de rua*, que recebeu 581 inscrições, apesar de ter sido programado para apenas 40 pessoas. A instituição de ensino decidiu acolher 150 inscritos, mais cerca de 20 alunos ouvintes. Para isso, reservou um dos maiores auditórios da Câmara, que esteve completamente tomado em todos os cinco

encontros noturnos, ao longo das 15 horas de aula entre 30 de junho e 16 de julho. “São quase 600 pessoas querendo fazer a discussão dessa temática, à noite, aqui na Câmara Municipal, para ter respostas mais qualificadas e não só as do senso comum ou que pontuaram a vida desses alunos até aqui”, diz a doutora em Serviço Social Damares Pereira Vicente, responsável pelo curso.

Para a professora, ao compartilhar informação, a Escola ajuda a contornar o sério problema do desrespeito aos direitos dos cidadãos. “A população de rua está em uma situação de barbárie na qual o uso de drogas é a ponta do iceberg. Tudo



**SUCESSO • O diretor Christy Pato se surpreendeu com a alta procura pelos cursos da Escola**

começa na violação de direitos, que os cidadãos desconhecem”, disse no encerramento do primeiro módulo. Damares citou o exemplo de Vanderlei de Freitas, aluno que atualmente vive em situação de rua. Ele, que não sabe ler e escrever, contou ter trabalhado durante toda a infância, além de ter contraído doenças como meningite e sofrido com anemia. “Um exemplo de violações dos direitos de saúde, de educação e ao lazer na infância”, explicou a especialista.

“O que achei mais especial no curso foi conhecer as leis, as histórias por trás delas, que existem por causa da militância do movimento de pessoas de rua” contou a aluna Jéssica Perez Di Lorenzo. “E teve toda a participação brilhante do pessoal de rua, com um protagonismo muito grande nas aulas”, ressaltou ela, que é assistente social e integrante de movimento por moradia.

**CONEXÃO**

Para o diretor Christy Pato, o grande interesse popular pela Escola “deno-

ta uma carência dos mecanismos de conexão entre a produção do saber científico e a população, que quer esse diálogo para poder interferir na política, mas não sabe como, não conhece o assunto”. Ele se espanta com o fato de vários professores parabenizarem a Escola “por conseguir fazer a ponte”, pois isso seria “um sintoma da decadência e crise da universidade, que não consegue transformar o discurso acadêmico em capacitação da população”.

Mesmo quem já tem contato com o mundo universitário tem a possibilidade de aprender mais. Ana Helena Savoia, procuradora legislativa da Câmara paulistana, acabou de estudar políticas públicas sob a perspectiva jurídica na pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP). No curso *Políticas públicas: da agenda à avaliação*, realizado entre junho e julho pela Escola do Parlamento, ela estudou o mesmo assunto sob a ótica das ciências políticas. “Tive uma visão complementar, que enriqueceu meu aprendizado sobre a matéria e certamente contribuirá para minha atuação na área de elaboração legislativa”, comentou Ana Helena.

A escola da CMSP oferece também um curso para pessoas que concluíram o ensino superior: a especialização *Legislativo e democracia no Brasil*, com 360 horas de aula. A pós-graduação é aberta a pessoas de dentro ou de fora da Câmara. Segundo Christy Pato, apenas uma dezena entre as 110 escolas legislativas do Brasil têm cursos desse tipo.

A programação da Escola do Parlamento norteia-se por quatro eixos temáticos: estudos da metrópole; Estado, instituições, democracia e participação social; gestão e políticas públicas; e cultura, edu-

**Denis da Silva Santos**

**Funcionário de uma rede de cinemas**

Curso o módulo I do Curso políticas públicas para população de rua



“Antes do curso, achava que o único direito que eu tinha era de passar uma noite no abrigo, ter uma cama para dormir e uma janta. As aulas me deram incentivo (para encontrar emprego), porque eu estava muito para baixo. Aprendi sobre os projetos futuros (do governo) com relação a nós que moramos na rua, e que levando uma cartinha do abrigo ninguém pode me negar emprego por falta de endereço, porque a instituição pode ser considerada minha casa, mesmo que seja provisória. Quero comprar minha casa e, com os primeiros salários desse novo trabalho, virar assistente social também, para ajudar. Faltaria um ano para eu terminar a faculdade de Comércio Exterior (que trançou), mas agora quero mesmo é estudar Serviço Social”.

cação e cidadania. Qualquer sugestão de atividade deve se encaixar em um desses eixos, considerar a relevância social do tema e a formação dos expositores. “O fomento a muitos cursos de políticas públicas abertos, para pensar a cidade através de temáticas supercomplexas, com os professores mais renomados na área, tem congregado de servidores públicos e estudantes a pessoas em situação de rua, e feito

de nosso experimento algo completamente diferente dos demais do Brasil”, finaliza Christy Pato.

**SERVIÇO**

**Escola do Parlamento**  
(11) 3396-4960  
escolaparlamento@camara.sp.gov.br

Notícias, cursos, publicações e galeria de vídeos: <http://www.camara.sp.gov.br/escoladoparlamento>



**Thiago Roberto Martins Pressi**

**Assessor legislativo na CMSP**

Curso a especialização Legislativo e democracia no Brasil

“Entrei para o curso logo em meu primeiro ano de trabalho na Câmara e achei que ele tornou mais reflexivas minhas decisões no assessoramento do processo legislativo. As aulas são bem produtivas, principalmente para quem tem interesse em sociologia e filosofia, em aprender como interpretavam as leis e a democracia no passado para aplicar esse olhar aos temas do dia a dia”.

# Apartes na televisão

TV Câmara estreia atração sobre bastidores das reportagens da revista e programa comandado por Paulo Markun



Mareto Ximenez/CMSP

**AÇÃO** • Equipes da revista e da TV durante apuração de reportagem

Gisele Machado | gisele@camara.sp.gov.br

**E**streou no dia 17 de agosto a nova grade de programação da TV Câmara SP, da Câmara Municipal de São Paulo (CMSP), com um programa inteiramente dedicado à **Apartes**. O *Apartes grandes reportagens* explora os bastidores das apurações da revista, além de mostrar vídeos complementares. No estúdio, a apresentadora Carol Câmara recebe os repórteres da **Apartes** para contarem sobre suas impressões.

A direção do programa é de Daniel Caniato e a produção é de Anaila Hernández. Também faz parte do projeto a equipe do portal da Câmara, fortalecendo a política de integração da comunicação da Casa.

O diretor de Comunicação Externa da CMSP, Antonio Assiz, explica

que a parceria da *Apartes* com a TV foi solicitada pelo presidente da instituição, Antonio Donato (PT), “para dar mais visibilidade a um trabalho jornalístico de alta relevância feito na Casa”. Segundo Assiz, “não se trata de a televisão fazer a mesma matéria da revista, mas de gravar como um observador a apuração espontânea para o veículo impresso”. O diretor completa que o *Apartes grandes reportagens* traz um respiro à grade, por ter uma estrutura narrativa diferente das demais atrações.

Na opinião do diretor da TV Câmara, Wagner Belmonte, a integração dos formatos impresso e televisivo é fundamental para “ampliar

a produção noticiosa e mostrar como ela se estabelece”. Belmonte considera que esse tipo de aliança só foi possível a partir de um “planejamento raro na mídia impressa, por contemplar a lógica do acompanhamento” pela equipe de televisão. O *Apartes grandes reportagens*, assim como o restante da programação, pode ser visto não apenas pela televisão, como também pelo novo site da emissora (veja quadro acima), que tem formato amigável a computadores pessoais, tablets,



**Quarta  
19h**



**Na internet:**  
[www.camara.sp.gov.br/tvcamarasp](http://www.camara.sp.gov.br/tvcamarasp)



**Na TV:** No canal 7 da Net e 61.4 da TV digital aberta



**Reprises:**

Sexta: 16h30 e 22h45  
Sábado: 10h  
Domingo: 3h, 14h30 e 21h30

Segunda: 7h e 21h15  
Terça: 12h15 e 21h30  
Quarta: 0h30

smartphones e outros dispositivos, nas plataformas Android e iOS.

A nova programação conta, ainda, com o *SP, Brasil*, no qual o experiente jornalista Paulo Markun entrevista personalidades importantes do cenário político e econômico nacional. Markun comandou o programa *Roda Viva*, da *TV Cultura*, por mais de dez anos e foi presidente da Fundação Padre Anchieta. “O *SP, Brasil* reforça a importância que a casa legislativa da maior cidade do País tem na

ampliação do debate de questões nacionais”, avalia o jornalista.

A terceira inovação da TV é o *Política na sala*, videoaula com duração média de 15 minutos sobre reforma política. O material é baseado em palestras organizadas pela Escola do Parlamento da CMSP no primeiro semestre, bastante elogiadas por acadêmicos e alunos. A parceria com a Escola ainda deu origem ao quadro *Por dentro da política*, com duração de três minutos, em que os professores das

videoaulas abordam alguns conceitos extraídos dos debates da Casa.

Outras novidades, implementadas em março pela TV para ampliar a participação do cidadão, serão mantidas na nova grade. Uma delas é o *Espaço cidadão*, quadro que explora a história de participantes do Câmara no Seu Bairro (sessões públicas oficiais da CMSP nas regiões das Subprefeituras). “Teremos outros programas que seguirão essa orientação geral, de dar mais protagonismo ao cidadão”, promete Antonio Assiz.

# Diferente e em frente

Pessoas com síndrome de Down podem ter uma vida autônoma, de estudo e trabalho, mas preconceito ainda é a maior barreira

Gisele Machado | gisele@camara.sp.gov.br

**T**athiana Piancastelli, de 31 anos, é atriz e autora da peça *Menina dos meus olhos*, que se prepara para uma temporada na Europa após apresentações em Miami e Nova York, desde 2013. No espetáculo, representado em português, Tathiana interpreta uma garota com síndrome de Down atormentada com a desinformação dos pais, para quem a filha não tem capacidade de escolher o próprio namorado. Na vida real, a dramaturga namora, luta capoeira, pratica natação, escolheu sua profissão e tem o total apoio dos pais. Mas para compor a personagem usou sua experiência pessoal, já que tem a síndrome. “Sofri preconceito tantas vezes que já nem me lembro mais”, conta.

A síndrome influenciou Tathiana a escolher o tema da peça e deu-lhe características como os olhos oblíquos e a baixa estatura, entre outras. Mas as inspirações da atriz vêm de algo maior: seu amor pela Broadway, região de Nova York em que são exibidos os espetáculos mais prestigiados do mundo. “Adoro as peças da Broadway, e eu posso estar lá também!”, anima-se a dramatur-

ga, que adoraria participar de um musical nos Estados Unidos. Outro sonho é gravar um filme: “Quem sabe ganho um Oscar? Ou um Kikito aqui no Brasil?”, diz a artista.

Se Tathiana levar o Kikito, não será a primeira pessoa com Down a conseguir esse feito. Os atores Ariel Goldenberg e Rita Pokk, ao lado de Breno Viola (que também é faixa preta no judô), levaram em 2012 o prêmio Kikito especial do júri no Festival de Cinema de Gramado, pela atuação no filme *Colegas*, no qual interpretam jovens que fogem de carro para viver aventuras. Na trama, nem é necessário falar sobre a inclusão. Os protagonistas apenas vivem sua história.

Fora das telonas, Rita é assistente de recursos humanos em uma rede de drogarias e é casada há 11 anos com Ariel, que trabalha na mesma função, mas em uma organização não governamental (ONG). “Se os normais podem trabalhar, casar, atuar e algumas outras coisas, por que os Down não?”, disse Rita no Plenário da Câmara Municipal de São Paulo (CMSP), em 20 de março, véspera do Dia Internacional da Sí-

**DIFERENTE**  
Atriz e dramaturga,  
Tathiana Piancastelli  
sonha ganhar  
um Oscar e se  
apresentar na  
Broadway

drome de Down, em evento organizado pelo vereador Calvo (PMDB).

A data deve entrar também para o calendário municipal, para que se concentrem nesse dia mais ações oficiais de esclarecimento. Calvo, que é médico, propôs o projeto de lei (PL) 49/2015 para criar o Dia Municipal da Síndrome de Down, a ser celebrado em 21 de março. O objetivo é “chamar a atenção da sociedade para a luta por direitos iguais, bem-estar e inclusão das pessoas que nasceram com a síndrome”, explica a justificativa da proposição.

O dia escolhido, 21/3, tem a ver com a presença de um cromossomo a mais (três, em vez de dois) no par número 21 das células dos indivíduos com Down. Trata-se de um distúrbio genético, também chamado de trissomia do cromossomo 21, que atinge um a cada 600 nascidos no Brasil, segundo o Ministério da Saúde. “Na vasta maioria, entre 95% e 97% dos casos, a ocorrência é completamente aleatória; não importa raça, origem étnica ou nível

### AMISTOSOS

“Funcionários com a síndrome melhoram a saúde organizacional”, diz Estefania Lima, do Projeto Outro Olhar



### PREMIADOS

O casal de atores Ariel e Rita, que já conquistaram um Kikito, em evento na CMSP

social, acontece com todo mundo”, explica à **Apertes** o médico brasileiro Alberto Costa, professor PhD da divisão de neurologia pediátrica da universidade norte-americana Case Western Reserve, que desenvolve pesquisas sobre qualidade de vida de pessoas com síndrome de Down.

Costa devotou-se ao tema após o nascimento da filha Tyche (fortuna, em grego), há 20 anos, com a trissomia. A garota acaba de concluir o nível médio e sonha estudar cálculo na faculdade. E está bem perto disso, já que foi aprovada no colegial nos três níveis de álgebra e também em geometria, pré-requisitos para ingressar na universidade. Quando era mais nova, o pai lhe dava equações de álgebra à noite e, pela manhã, ela trazia resolvidas. O professor, no entanto, deixa claro que “esse tipo de performance na área da matemática não é comum para uma pessoa com síndrome de Down”, pois varia de acordo com a capacidade de cada indivíduo.

Um dos principais esforços de Costa é acabar com falsas crenças a respeito dos dois mundos em que o cientista transita: o dos direitos da pessoa com síndrome de Down e o da ciência. Os movimentos liderados pelos pais lutam para que a síndrome não seja tratada como doença e que seus filhos sejam aceitos e vistos como indivíduos até com vantagens na saúde, em relação à média da população. É menor, por exemplo, o risco de terem tumores sólidos, como o câncer de mama. Segundo o pesquisador, há vários casos descritos de mulheres com Down que não desenvolveram a doença, enquanto as irmãs e mãe tiveram.

Pessoas com a síndrome raramente morrem de infarto do miocárdio produzido por isquemia cardíaca (diminuição da passagem de sangue pelas artérias coronárias) e sofrem de hipertensão numa escala bem menor. “Ninguém pergunta o que a síndrome traz de benefícios”, diz, com bom humor, o pai de Tyche.

Por outro lado, a abordagem focada apenas nos direitos humanos pode restringir a percepção de que a maioria das pessoas com Down tem algum nível de deficiência intelectual e doenças associadas, como a maior sujeição a infecções de ouvido e respiratórias, envelhecimento precoce, má-formação cardíaca em 50% dos casos, deficiências visuais e fonoaudiológicas e risco maior de obesidade.

Com a ajuda da ciência, as infecções que antes matavam o bebê com Down no primeiro ano de vida hoje são curadas com antibióticos. Os problemas no coração são resolvidos com cirurgia. As melhoras na capa-

cidade cognitiva têm sido estudadas em pesquisas como a de Costa. E profissionais de diversas áreas estão cada vez mais atentos às peculiaridades de quem tem Down. Assim, quem nasce atualmente com a síndrome tem melhor qualidade de vida e expectativa de 60 anos, ante 30 para os nascidos até o fim do século passado.

Existem algumas lendas sobre a personalidade de quem tem Down, como a de que seriam mais sociáveis. A ciência aponta apenas maior hiperatividade nesse grupo e os pais frisam que cada indivíduo tem características próprias de comportamento. Entretanto, Patricia e Fernando Heiderich, pais de Tathiana, acreditam que pessoas com a síndrome se expressam sem julgamentos, são mais autênticas e conseguem perceber melhor as emoções alheias. O casal é cofundador do Instituto Meta Social, que busca promover a inclusão e reduzir o preconceito acerca do tema.



A Tati, da Turma da Mônica, foi criada por Mauricio de Sousa em homenagem a Tathiana Piancastelli. A personagem, lançada em 2008, é alto-astral, adora ver os amigos felizes e sempre encontra saídas inteligentes e divertidas para as situações.



LADO BOM • Segundo o cientista Alberto Costa, fala-se pouco sobre os benefícios da síndrome de Down

Juntando os dois lados, de cientista e de pai, Costa procura olhar pelo ângulo otimista. Para ele, a resistência a algumas doenças entre pessoas com Down é prova de que a diversidade é saudável à sobrevivência da espécie humana no longo prazo. “O mundo vai mudar muito, e quanto mais diversos nós formos, se aparecer um vírus louco vai ter mais gente na comunidade com resistência a ele”, acredita.

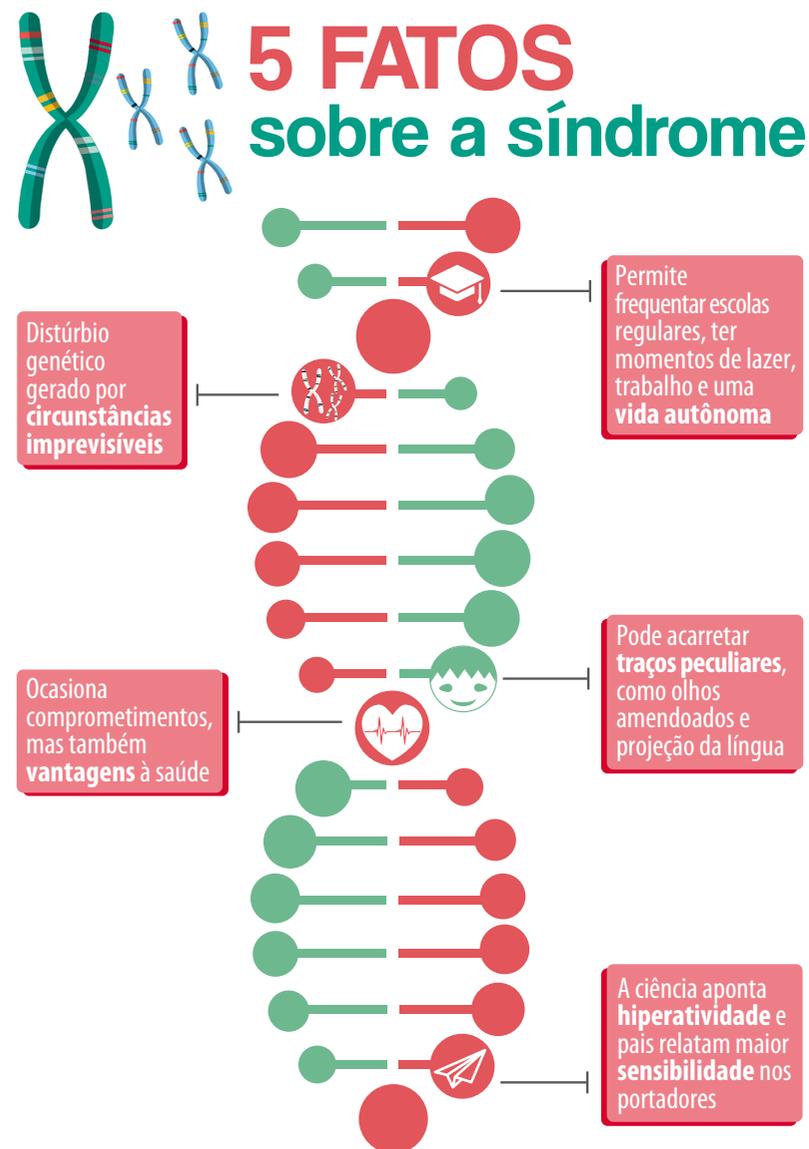
### NEUROSE

Para contribuir com o esclarecimento, também tramita na CMSP o PL 126/2013, da vereadora Edir Sales (PSD), que pretende instituir na cidade o Programa de Conscientização e Orientação sobre Síndrome de Down, um conjunto de ações permanentes do poder público para ensinar sobre convivência, respeito e trato com esses indivíduos. Os públicos preferenciais do projeto são os profissionais de educação, de saúde e familiares. Mas a ideia é levar

conhecimento a toda a sociedade. “Como legisladores, devemos orientar e conscientizar a população para que respeite e integre de maneira igualitária à sociedade as pessoas com síndrome de Down”, diz Edir Sales na justificativa de seu projeto.

De forma contraditória, o fato de a síndrome ser uma das alterações genéticas descritas há mais tempo (pelo médico inglês John Langdon Down, em 1866) ajudou a consolidar informações pouco aprofundadas no imaginário geral. Na década de 70, já eram usuais os exames para detectar o distúrbio nos fetos. “A síndrome existe há tanto tempo como diagnóstico específico em teste laboratorial que as pessoas se esqueceram da bioética; assumiram que essa vida não tem valor”, diz Costa. A partir dos 35 anos, muitas gestantes são submetidas a exames invasivos que podem detectar a síndrome, mas também provocar aborto espontâneo. Isso porque, com mais idade, a mãe tem maiores chances de dar à luz um filho com Down.

Um estudo publicado em 1983 por Ernest B. Hook e que, segundo Alberto Costa, é um dos mais completos, mostra que mulheres entre 25 e 29 anos têm probabilidade de gerar uma criança com síndrome a cada 1.100 nascimentos. Aos 35, a porcentagem é de uma em 350; aos 40, uma em 100 e, aos 48, uma em 10. Para o médico Alberto Costa, a propagação desses dados consolidou o medo e uma “ênfase quase doentia” da sociedade em atribuir culpa às mães que decidem ter filhos em idade mais avançada, além de um valor negativo à vida com Down. Com o passar do tempo, o homem também tem aumento na chance de gerar um filho com a síndrome. Entretanto, somente por



Fontes: PL 49/2015 e Alberto Costa

volta dos 60 anos terá a mesma porcentagem de uma mulher com 35.

“Se a mãe está doida para ter um filho, está no ideal de sua vida profissional e pessoal, é responsável o bastante e ficou grávida, deve pensar muito antes de fazer exames invasivos”, aconselha Costa. “Não tem por que ficar apavorada, pois mesmo no pior caso haverá 9 chances em 10 de o filho não ter Down, de crescer saudável”, explica o pesquisador. Antes do nascimento da filha Tyche, a esposa

do médico, Daisy, foi submetida a um exame invasivo, com menos de 0,5% de chance de causar aborto, mas que acabou por interromper a gestação de um bebê sem distúrbios genéticos.

**MUNDO DE SONHO**

Os pais de Tathiana, Ariel, Rita, Breno e Tyche não subestimaram a capacidade de seus filhos e isso foi muito importante para que eles se desenvolvessem melhor. Essas pessoas podem e devem ser incluídas no mercado de

trabalho. Indivíduos com Down são ótimos candidatos a tarefas repetitivas e de suporte, que geralmente despertam pouco interesse nos demais trabalhadores. Assim como Ariel e Rita, que trabalham como auxiliares, Tathiana já foi assistente de cabeleireiro e de fisioterapeuta.

Indivíduos com a síndrome também são indicados às vagas de atendimento ao cliente e que requerem rotina e organização. “Eles conseguem realizar tarefas repetitivas com facilidade, são atenciosos e melhoram a saúde organizacional; o ambiente fica mais amistoso”, explica Estefania Lima, integrante do Projeto Outro Olhar, do Instituto Alana para conscientização sobre as singularidades e potencialidades dos indivíduos com Down.

Antes do mercado de trabalho, a vaga na escola está garantida pela Lei Federal 7.853/1989, que reserva matrícula em instituições convencionais, públicas ou particulares, a pes-

**CONHECIMENTO**  
**A vereadora Edir Sales propôs um programa permanente de conscientização e orientação sobre a síndrome**



Luiz Fraga/CMSP



Luiz Fraga/CMSP

**DIREITOS**  
**Vereador Calvo (à esquerda) quer chamar atenção para a inclusão das pessoas com Down**

soas com deficiência capazes de se integrar. Segundo Estefania, hoje a maior parte das crianças com Down está matriculada na escola regular, apesar de existirem ainda muitas barreiras: “O benefício para a pessoa com a síndrome é o de poder estudar e aumentar sua couraça ao ser mais cobrada, tratada como as outras pessoas”, diz. Para os alunos sem deficiências, a expectativa é de que, quando estiverem no mercado de trabalho, pensem em contratar pessoas “diferentes” ou oferecer soluções adequadas a elas.

Consciente de suas capacidades e limitações, Tathiana conta que deseja “viver uma história de vida muito bonita” ao lado do namorado, o norte-americano Aaron Malman (também com Down). Ela diz que adoraria interpretar, na Broadway, a cena em que “a sonhadora” Sophie, protagonista do musical *Mamma Mia!*, canta *I have a dream* (Eu tenho um sonho, em inglês), do grupo Abba. A protagonista vive um mundo em que

pode falhar e, ainda assim, abraçar o futuro. Em suas fantasias, Sophie pode atravessar a correnteza em seu próprio ritmo. “Eu tenho um sonho, uma fantasia que vai me ajudar a lidar com a realidade (...). Acredito em algo bom em tudo o que vejo”, diz a canção que Tathiana quer interpretar nos palcos.

**SAIBA MAIS**

**Publicação**

O valor que os colaboradores com síndrome de Down podem agregar às organizações. Vicente Assis, Marcus Frank, Guilherme Bcheche e Bruno Kuboiana. McKinsey&Company. 2014. Disponível online.

Veja também na programação da TV Câmara:



[www.camara.sp.gov.br/tvcamara](http://www.camara.sp.gov.br/tvcamara)

# Questão de gênero, questão de gente

Medidas para combater preconceito contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais enfrentam polêmica dentro e fora da Câmara

Fausto Salvadori | fausto@camara.sp.gov.br

**L**aura Vermont adorava se ver espelhada nas *selfies*. Dia sim, dia também, enchia as redes sociais com imagens da mulher alegre e baladeira que adorava fazer carão na câmera frontal do celular para sambar de salto 15 nas invejosas. “Laura, tu é um abuso”, escrevia. Tinha orgulho de ser como era: linda, loira e travesti. Mais do que tudo, tinha orgulho dos pais, a quem “agradecia a Deus de joelhos por serem tão maravilhosos”. Com muitos *emoticons* de coraçõezinhos.

Quando olhavam para a filha, Zilda Laurentino, 50 anos, e Jackson de Araújo, 44, viam a criança que sempre amaram, fosse na forma do menino que criaram nos primeiros anos de vida, fosse como a menina que se tornou aos 14 anos, quando passou a usar vestidos e adotou o nome de Laura Vermont. “No começo foi um pouco de choque, depois achei normal. Era minha filha”, conta Jackson. Já a sobrinha Yasmin, uma fofura de 5 anos, via nela a “tia Lau-



la”, com quem brincava de dançar e compartilhar maquiagem.

Mas tinha quem olhasse para Laura Vermont sem conseguir vê-la. Começou na escola. Professores enxergavam nela um menino e a chamavam pelo nome masculino da lista de presença, o que para ela era o mesmo que receber um tapa na cara. Alguns alunos viam em Laura alguém que não era nem Adão, nem Eva, e que por isso merecia ser xingada em bando e até esmurrada na hora da saída. Os pais trocaram Laura de colégio, mas as mesmas cenas se repetiram. Com 16 anos, abandonou a escola.

Na madrugada de 20 de junho deste ano, cinco jovens olharam para Laura e viram algo que nem merecia viver. Cercada pelo grupo na Avenida Nordestina, na Vila Nova Curuçá, zona leste de



**OPORTUNIDADE**  
Luana (à esquerda) aposta num futuro melhor, graças ao programa Transcidadania

São Paulo, quando voltava a pé para casa, ela levou chutes, murros e, por fim, pauladas. Socorrida pelos pais, morreu no pronto-socorro. Tinha 18 anos.

Ao chegar nesse ponto da história, Zilda desaba.

Não está mais falando com o repórter, mas com Deus: “Oh, meu Pai do céu, até quando isso? Fala para mim...”, pede. “Milhares de mães e pais estão passando o mesmo que nós. Tem que haver um meio de acabar com esses preconceitos doidos.”

**DIREITO AO NOME**

Os ódios que atingem gays, lésbicas e transgêneros, chamados de homofobia, lesbofobia e transfobia, promovem um massacre com centenas de mortos todos os anos. Só em 2014, esse sentimento cheio de nomes matou 326 pessoas no País, segundo um levantamento feito pela organização não governamental (ONG) Grupo Gay da Bahia. Uma morte a cada 27 horas.

O combate a todos esses “preconceitos doidos” entrou na lista das leis aprovadas na Câmara Municipal de São Paulo (CMSP) em 1999, quando o então vereador Vicente Viscome transformou 28 de junho em Dia do Orgulho Gay. Há dois anos, o tema entrou novamente no calendário oficial da cidade, com a criação do Dia Municipal de



Combate à Homofobia, Lesbofobia e Transfobia, celebrado em 17 de maio e proposto pelo ex-vereador Floriano Pesaro (veja outras iniciativas sobre o tema na pág. 26).

Em 2010, outra conquista veio com a Lei 15.281, projeto do então vereador Carlos Neder, que obrigou os serviços municipais de saúde a chamar travestis e transexuais por seus

nomes sociais – aqueles com os quais as pessoas se identificam, e não os das certidões de nascimento. “Incluimos a questão do nome social porque várias pessoas, ao adentrarem as unidades de saúde, muitas vezes ficavam constrangidas pela maneira como eram tratadas, em desacordo com a compreensão do seu corpo e da sua sexualidade”, explica Neder.

Para quem se identifica com determinado papel de gênero, masculino ou feminino, ser tratado por um nome de outro gênero pode ser muito doloroso. “Tinha uma AMA (Assistência Médica Ambulatorial) perto de casa, mas eu ficava doente e não ia. Não queria ser chamada pelo meu nome de registro na frente dos outros”, conta Michele

**ENTREVISTA | Vereador Netinho de Paula**



**Netinho de Paula (PDT)** foi um dos quatro vereadores que votou contra um Plano Municipal de Educação sem menção a gênero e diversidade. Para o vereador, a Câmara Municipal errou ao ceder a pressões das Igrejas, que estariam discriminando os homossexuais da mesma forma como já atacaram os negros.

**Por que discutir gênero nas escolas?**

**Netinho de Paula:** A questão do gênero foi pensada durante muitos anos e estudada por grandes especialistas. Na Câmara, o assunto enfrentou um debate muito pobre, tratado apenas com um olhar religioso. Não cabe à Igreja interferir no Estado para falar qual é o modelo de família. O Estado laico, nesta questão, foi totalmente desrespeitado. A Igreja já errou, inclusive com meu povo. Dizia que o negro não tinha alma e, portanto, poderia ser escravizado.

**Ser a favor dos direitos LGBT é ser contra Deus e a família?**

Essa visão é muito pobre. É um golpe baixo. Muitos pastores, como Carlos Bezerra, que foi vereador e é teólogo, disseram que estavam envergonhados de

como o debate estava sendo feito. Eu frequento a Igreja Batista, meu irmão é macumbeiro e a minha tia é lésbica. E a gente é uma família, e a gente se ama.

**O que acha do argumento de que gênero e sexualidade devem ser abordados pela família, em casa?**

A palavra gênero não proíbe nenhum pai de cumprir seu papel. Sou favorável que pais eduquem filhos em casa e escola ensine. Na escola, ensinar crianças a ser tolerantes não tem nada a ver com ensinar a ser homem ou mulher. A escola só quer trabalhar para que a gente seja mais humano. Olha, eu cresci na periferia, diante de uma vida com muita brutalidade. Demorou muitos anos para eu perceber o quanto machista e agressivo eu era. Se eu tivesse aprendido isso na escola, não teria sido melhor? Na minha rua, o cara que era homosse-

“Ensinar tolerância não é ensinar a ser homem ou mulher”

xual, quando eu era criança, era apedrejado. E se na escola a gente aprendesse que ele é uma pessoa comum, que ele só tem uma opção diferente de fazer amor, e que isso não interfere na nossa convivência? Qual é o problema de a escola ensinar isso? Acho que o Brasil perdeu. Vai ser uma daquelas coisas que, daqui a alguns anos, a Igreja vai dizer: “a gente errou”.

Carvalho, 32 anos, que depois dos 13 abandonou o nome masculino, que não combinava com o rosto de mulher que via no espelho.

Neste ano, o Ministério da Saúde autorizou o uso do nome social a qualquer portador do cartão do Sistema Único de Saúde (SUS). Neder afirma que a lei municipal criada em 2010 foi “inovadora”, mas lembra

que ainda há muito mais para ser feito. “Há outras propostas que precisam ser incorporadas no âmbito municipal e estadual, como o combate ao preconceito nas escolas”, diz.

**CAMINHOS**

É nas escolas que a intolerância costuma entrar como uma espécie de matéria extracurricular invisível,

mas presente. No ensino público, nada menos do que 87% da comunidade escolar (alunos, pais, professores e funcionários) revelaram possuir algum grau de preconceito contra homossexuais, segundo pesquisa realizada em 2009 pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP).



Angelo Buarque/CPF

“As crianças não podem ser vítimas de assédio ideológico”

disser isso, vão se levantar muitos contrariamente dizendo que quero doutrinar e estou discriminando os que não são cristãos. O preconceito que sofre alguém da comunidade LGBT é o mesmo que sofre alguém que está acima do peso. Todas as discriminações precisam ser combatidas. Temos que ter um olhar mais holístico, mais complexo.

**ENTREVISTA | Vereador Eduardo Tuma**

Um dos 44 vereadores a votar a favor de um Plano Municipal de Educação sem menção a gênero nem diversidade, **Eduardo Tuma (PSDB)** diz que baseou seu voto na Constituição e na Bíblia. Para o vereador, alunos LGBT sofrem o mesmo preconceito de outras minorias na escola.

**O que acha de falar de gênero nas escolas?**

**Eduardo Tuma:** As escolas devem funcionar como centro de produção e difusão do conhecimento. As crianças não podem ser vítimas de assédio ideológico. Não podemos ter uma doutrinação das crianças sobre a questão do gênero. Existem dois sexos, o masculino e o feminino. É nisso que eu acredito, é isso que diz a Bíblia e a Constituição Federal.

**Ao usar o texto bíblico para justificar uma posição política, como fica o Estado laico?**

É preciso entender o que é Estado laico e Estado secularizante. Eu não posso ter um Estado que se afaste por completo e que se aliene de toda a questão religiosa. Estado laico é o que não tem uma religião oficial. Não uso a questão bíblica para

fundamentar a minha posição. Faço a leitura dessa questão através do filtro constitucional. A própria Constituição encaminha para a tolerância e o respeito, mas não para a doutrinação da ideologia de gênero.

**Falar de gênero na escola não ajudaria a evitar preconceito?**

A escola deve refletir o que é a sociedade e a sociedade deve respeitar todas as minorias, todas as vozes. A escola tem a questão da comunidade LGBT, das pessoas com deficiência, especiais, superdotados, os mais altos, os mais baixos, os brancos, os pardos, os negros. É essa soma de minorias que constrói a maioria. Discutir o assunto é um ponto. Incluí-lo na grade e fazer com que haja uma doutrinação é outra. Imagine se eu defender que a escola tenha uma matéria sobre a questão cristã, porque faço parte dessa parcela da sociedade que é cristã. Tenho certeza que, se

Para Luana Rodrigues, 31 anos, a principal lição que aprendeu na escola foi o que é ser discriminada. Nascida com genitália masculina, ela nunca teve problemas em casa por se vestir de menina. “Minha mãe sempre aceitou bem e meus irmãos, por respeito à minha mãe, também apoiaram. Só tive problema em relação à sociedade”, conta. A sociedade e seus problemas apareceram pela primeira vez para Luana com o rosto da professora, que a impediu de assistir à aula, e da diretora, que chamou sua mãe à escola para reclamar das “vestes” da menina. Na matemática do preconceito, a rejeição dos professores se somou aos xingamentos dos alunos e o resultado foi a saída de Luana da escola, na 5ª série. Sem educação formal, só conseguiu espaço para trabalhar nas esquinas da prostituição. “Não era o que eu queria. É o que fui obrigada a fazer”, lamenta.

Histórias de evasão escolar motivadas por preconceito de gênero

ro são tão comuns que levaram a Prefeitura de São Paulo a colocar em prática, neste ano, o programa Transcidadania, que fornece bolsas de estudo para travestis que queiram voltar a estudar. “Voltar à escola sem ser discriminada foi maravilhoso”, conta Luana. Após concluir os estudos, tem um sonho: conquistar seu primeiro emprego com carteira assinada.

Na Câmara Municipal, o projeto de lei (PL) 256/2015, do vereador Toninho Vespoli (PSOL), propõe transformar o Transcidadania em lei. “O objetivo é garantir que o programa continue a ser aplicado e não deixar que a população transexual fique à mercê da boa vontade de um ou outro prefeito”, explica Vespoli.

O preconceito que atingiu Luana, uma travesti de escola pública da região central de São Paulo, também perturbou a vida do fotógrafo André Giorgi, 27 anos, que é gay e estudou numa escola particular de alto padrão. “Meu filho sofreu um



André Buarque/CPF

**ARTICULADOR • Felipe Nery, na galeria do Plenário: ele percorreu 600 cidades combatendo a “ideologia de gênero”**

bullying absurdo. Infernizavam tanto a vida dele que eu tinha de levá-lo ao colégio todo dia, porque não queria mais ir”, conta a jornalista Maju Gomes Giorgi, 49 anos, mãe de André. Ela é ativista da ONG Mães pela Diversidade, criada por mães e pais de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais (LGBT) para “dizer ao mundo que nossos filhos não são de chocadeira e que merecem direitos e deveres iguais”.

A cartunista Laerte Coutinho, 64 anos, que há sete assumiu identidade feminina, diz que também conheceu o preconceito de gênero na escola, só que pelo outro lado. “Eu fazia parte dos grupos que hostilizavam meninos considerados mariquinhas e meninas consideradas masculinizadas”, lembra a cartunista. “Havia um caldo de cultura de homofobia e transfobia, e as escolas não conseguiam fazer nada em relação a isso.” Na adolescência, ao se descobrir gay, Laerte passou a ser vítima do mesmo preconceito que havia infligido a outros: “To-

**GÊNERO SIM • Militantes pedem respeito à diversidade no PME**



André Buarque/CPF

## Outras iniciativas sobre questões de gênero

### Lei 16.184/2015

Andrea Matarazzo, Aurélio Nomura e Floriano Pesaro (todos do PSDB)

Inclui o Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade no Calendário Oficial de Eventos da cidade de São Paulo

### PL 353/2015

Toninho Vespóli (PSOL)

Cria o Prêmio Cidadania LGBTT

### PL 519/2014

Nabil Bonduki (PT)

Estende licença de 6 meses para servidor em união homoafetiva que adotar filho

### PL 261/2014

Aurélio Nomura e Floriano Pesaro (ambos do PSDB)

Garante inscrição de casais em união estável homoafetiva, como famílias, em programas de habitação popular

### PL 557/2013

Andrea Matarazzo, Aurélio Nomura, Claudinho de Souza, Coronel Telhada, Eduardo Tuma, Gilson Barreto, Patrícia Bezerra (todos do PSDB)

Pune estabelecimentos comerciais que praticarem qualquer tipo de discriminação

### PL 147/2013

Andrea Matarazzo, Aurélio Nomura, Floriano Pesaro (todos do PSDB), Calvo (PMDB) e Laércio Benko (PHS)

Estabelece diretrizes da Política Municipal de Promoção a Cidadania LGBT e Enfrentamento da Homofobia, com base nos resultados da II Conferência Municipal de Políticas para a População LGBT

dos nós somos prisioneiros dessa ideia totalitária que enquadra os seres humanos”, aponta.

### PLANO COMUNISTA

A mais recente tentativa dos vereadores de combater o ódio mirou o preconceito nas escolas, durante a elaboração do Plano Municipal de Educação (PME) da cidade de São Paulo. Válido até 2020, o documento detalha como aplicar nos municípios as metas do Plano Nacional de Educação, sancionado no ano passado. Entre os pontos principais, o PME define o a porcentagem do repasse de verbas para a Educação, quantidade de alunos por sala de aula, fixa metas para acabar com o analfabetismo e os caminhos para universalizar o acesso à educação infantil. Entretanto, as discussões sobre as questões de gênero dominaram os debates.

O parecer para o PME aprovado na Comissão de Educação, Cultura e Esportes da CMSP previa, entre outros itens, medidas para enfrentar o machismo, o racismo e os precon-



IDEOLOGIA • Padre Eduardo identifica “ardis verbais” para “destruir a família”

ceitos de gênero nas escolas. Depois que o projeto passou pela Comissão de Educação, as galerias do Plenário do Palácio Anchieta, sede da CMSP, encheram-se de militantes com crucifixos no peito e rosários nas mãos. Eles acusavam a proposta do PME de estar contaminada pelo que chamam de “ideologia de gênero”, um conjun-

### GÊNERO NÃO • Religiosos contra a diversidade rezam diante da CMSP

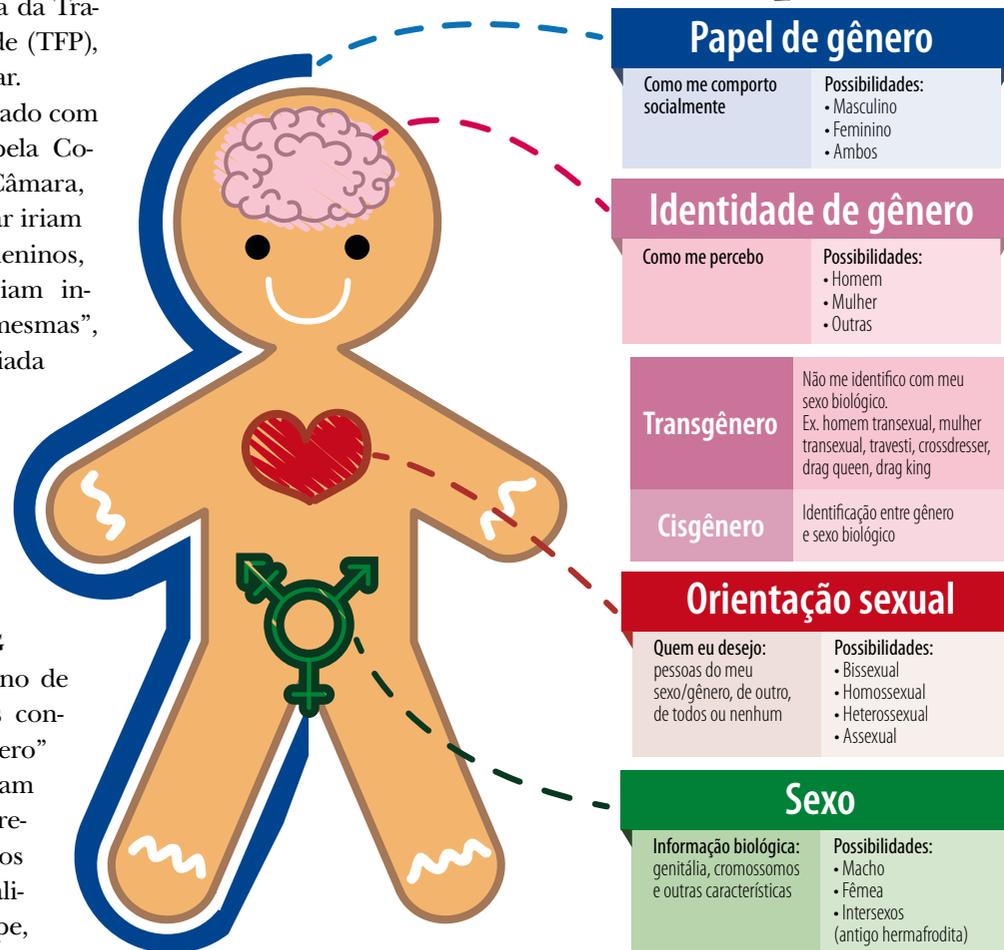


to de ideias que ameaçam destruir as famílias do Brasil. Os protestos partiram do movimento Somos Família, que reuniu pessoas de diversos grupos, incluindo igrejas evangélicas e movimentos católicos conservadores, como o Instituto Plínio Correia de Oliveira, uma dissidência da Tradição, Família e Propriedade (TFP), apoiadora da ditadura militar.

Caso o PME fosse aprovado com as propostas elaboradas pela Comissão de Educação da Câmara, as crianças em idade escolar iriam “aprender que não são meninos, nem meninas, e precisariam inventar um gênero para si mesmas”, afirmava uma cartilha criada pelo movimento e distribuída na CMSP pelo vereador Eduardo Tuma (PSDB). Um dos principais organizadores do grupo, o professor e ex-diretor de escola Felipe Nery, fundador da ONG Observatório Interamericano de Biopolítica, afirma que os conceitos de “ideologia de gênero” presentes no PME obrigariam meninos e meninas a frequentar banheiros conjuntos e poderia levar até a legalização do incesto. “Desculpe, mas eu não tenho interesse em ter sexo com meus filhos e acho que muitos pais também não têm”, afirma Nery. Para ele, “o objetivo da ideologia de gênero é dissolver a família para implantar o socialismo”.

Os vereadores responsáveis pelo parecer aprovado na Comissão de Educação lembram que o texto não continha qualquer menção a banheiros, criação de gêneros pelas crianças e nem a incesto (veja mais na pág. 28). “A proposta apenas reafirmava o que já está em várias

# ENTENDA AS DIFERENÇAS



Fontes: Alexandre Saadeh (Instituto de Psiquiatria – Hospital das Clínicas); Secretaria Estadual da Justiça e Defesa da Cidadania

leis e no que a Constituição Federal prega, que é o respeito à mulher, ao gay, ao negro”, afirma Reis (PT), presidente da Comissão. A luta contra os preconceitos de raça e gênero não havia brotado do nada no PME: fazia parte das propostas apresentadas durante a Conferência de Educação na Cidade de São Paulo e nas suas reuniões preparatórias, que reuniram 22.247 pessoas em 2010.

Para o Somos Família, o conteúdo em discussão não importava, já que a mera menção às palavras “gênero” e “diversidade” no texto legal já bastaria para “respaldar políticas públicas posteriores”. “Eles nunca vão dizer no *Jornal Nacional* que querem destruir a família. Eles usam ardis verbais”, explicou o padre José Eduardo de Oliveira e Silva, pároco da Igreja São Domingos, num deba-

te sobre o tema promovido na CMSP. E quem são “eles”? Segundo o movimento, o plano de usar a “ideologia de gênero” para destruir as famílias e implantar o comunismo no mundo tem o apoio de grupos poderosos, incluindo a Organizações das Nações Unidas (ONU) e a Fundação Ford, sediada nos Estados Unidos. Felipe Nery esclarece: “Os grandes capitalistas se uniram à esquerda contra um inimigo em comum, que é a família”.

**ADÃO E EVA**

Não demorou para que as manifestações contra o plano comunista-capitalista de destruição das famílias conquistassem o apoio de vereadores em todo o País. “Percorri 600 cidades em seis meses e falei para os legisladores em 120 audiências públicas”, contabiliza Felipe Nery. “Conseguimos retirar o gênero em 98% dos 3.500 municípios que votaram Planos Municipais de Educação”, comemora.

O movimento ganhou o apoio de muitos vereadores que acreditam que família é sinônimo de união entre homem e mulher. Uma visão que caiu fora do ordenamento jurídico brasileiro em 2011, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) aceitou “a união contínua, pública e duradoura entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar, entendida esta



**FAMÍLIA**  
Maju, do Mães pela  
Diversidade, com o  
filho André

Arquivo pessoal

# O PME e o gênero

## Propostas da Comissão de Educação O que foi aprovado

Promoção da educação em direitos humanos, com respeito à diversidade e à sustentabilidade socioambiental	Promoção da educação em direitos humanos. Promoção da educação em sustentabilidade socioambiental
Difusão dos princípios da equidade e do respeito à diversidade	Difusão dos princípios da equidade e da dignidade da pessoa humana e do combate a qualquer forma de violência
Analisar anualmente todos os indicadores educacionais com relação à renda, raça/etnia, sexo, campo/cidade, deficiências e aprimorar o preenchimento do quesito raça/cor e do nome social de estudantes travestis e transgêneros no Censo Escolar	Analisar anualmente todos os indicadores educacionais com relação à renda, raça/etnia, sexo, campo/cidade, deficiências e aprimorar o preenchimento do quesito raça/cor no Censo Escolar
Instaurar para as instituições escolares protocolo para registro e encaminhamento de denúncias de violências e discriminações de gênero e identidade de gênero, raça/etnia, origem regional ou nacional, orientação sexual, deficiências e intolerância religiosa, entre outras	Instaurar para as instituições escolares protocolo para registro e encaminhamento de denúncias de violências e discriminações de raça/etnia, origem regional ou nacional, deficiências, intolerância religiosa e todas as formas de discriminação
Promover ações contínuas de formação da comunidade escolar sobre sexualidade, diversidade, relações de gênero e Lei Maria da Penha, visando superar preconceitos, discriminação, violência sexista, homofóbica e transfóbica no ambiente escolar	Promover ações contínuas de formação da comunidade escolar visando superar preconceitos, discriminações e qualquer tipo de violência em ambiente escolar
Difundir propostas pedagógicas que incorporem conteúdos sobre sexualidade, diversidade quanto à orientação sexual, relações de gênero e identidade de gênero	(Eliminado)
Implementar políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito e discriminação à orientação sexual ou à identidade de gênero e étnico-racial	Implementar políticas de prevenção à evasão motivada por qualquer forma de discriminação, violência e preconceito

como sinônimo perfeito de família”. Mas muitos legisladores discordam da decisão do STF.

“Alguma coisa diferente de Adão e Eva eu não vejo que case bem”, afirma o vereador Adilson Amadeu (PTB). “O Judiciário aceita muita coisa. Será que na família dos juízes tem algo parecido?”, questiona. Na mesma direção vai a fala de David Soares (PSD), a respeito dos perigos do debate sobre gênero e diversidade nas escolas: “Pessoas que têm certo tipo de família, com dois pais ou duas mães, ensinarão a seus filhos que isso é normal. A grande maioria que é pai ou mãe dirá: ‘não, não é normal’”.

Na Câmara Municipal, as menções a gênero e diversidade que apareciam na proposta em discussão do PME acabaram retiradas pela Comissão de Finanças (última parada do Projeto de Lei antes de seguir para a votação). A atitude foi criticada pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e por entidades como o Conselho Regional de Psi-

**BÍBLICO • Amadeu diz ser contra “algo diferente de Adão e Eva”**



Ricardo Rocha/CMSP

cologia, para quem a ideia de uma “ideologia de gênero” é uma “inverdade”, que “desconsidera a seriedade e rigor do campo de estudos científicos sobre sexualidade e gênero”. Mostrando como Deus pode ter muitas faces, a defesa do debate sobre gênero no PME também recebeu o apoio de cristãos progressistas, como a freira e teóloga Ivone Gebara, para quem “recusar olhar o mundo na sua diversidade, e para isso recusar o conceito de gênero, é recusar os avanços das maneiras de sermos presentes em nosso mundo”.

Em 25 de agosto, ocorreu a votação final do Plano Municipal de Educação, na CMSP. Vestidos de branco, centenas de militantes “contra o gênero” se ajoelharam no asfalto, diante do Palácio Anchieta, rezando para “iluminar a cabeça dos vereadores”. Entre uma oração e outra, levantavam-se para dançar com as mãos para cima diante do carro de som, onde o astro pop católico Tony Allyson agitava: “Sai do chão! Pisa na cabeça do capeta!”. Do outro lado, apoiadores da diversidade formavam um grupo mais colorido, porém menor, que tentava compensar com empolgação o que lhe faltava em número, dançando até o chão ao ritmo de Madonna e Beyoncé e gritando palavras de ordem contra o preconceito, como “se Jesus Cristo estivesse aqui, estava do lado das travestis”.

Por 44 votos a 4, os vereadores paulistanos aprovaram o PME sem menção a gênero ou diversidade, mas com avanços. Entre eles, o aumento de dois pontos percentuais no repasse de verbas para a Educação (de 31% para 33%) e a diminuição da quantidade máxima de alunos por sala (veja matéria sobre o PME na próxima edição). Os militantes de branco aplaudiram o resultado da



Guilherme/CMSP

**DIREITO • Reis afirma que discussão de gênero nas escolas segue Constituição**

votação. Do outro lado, outros manifestantes lamentavam o que consideravam uma derrota da luta contra o preconceito. Votação encerrada, saíram levando seus cartazes e faixas, inclusive uma em que se lia o nome de uma menina de 18 anos assassinada: “Laura Vermont presente”.

A 25 quilômetros dali, na Vila Nova Curuçá, a família de Laura segue seus dias do jeito que pode. Antes de se deitar, Zilda continua a dizer, todas as noites: “Filha, dorme com Deus, aceita meu beijo”. Pela manhã, oferece a ela um vaso de rosas, com as cores e os significados que Laura apreciava. Amarelas para chamar riqueza, vermelhas para o amor e brancas pela paz. 

Veja também na programação da TV Câmara:



[www.camara.sp.gov.br/tvcamara](http://www.camara.sp.gov.br/tvcamara)

# O imortal quatrocentão

De família tradicional, ele é o único ex-vereador paulistano a fazer parte da Academia Brasileira de Letras

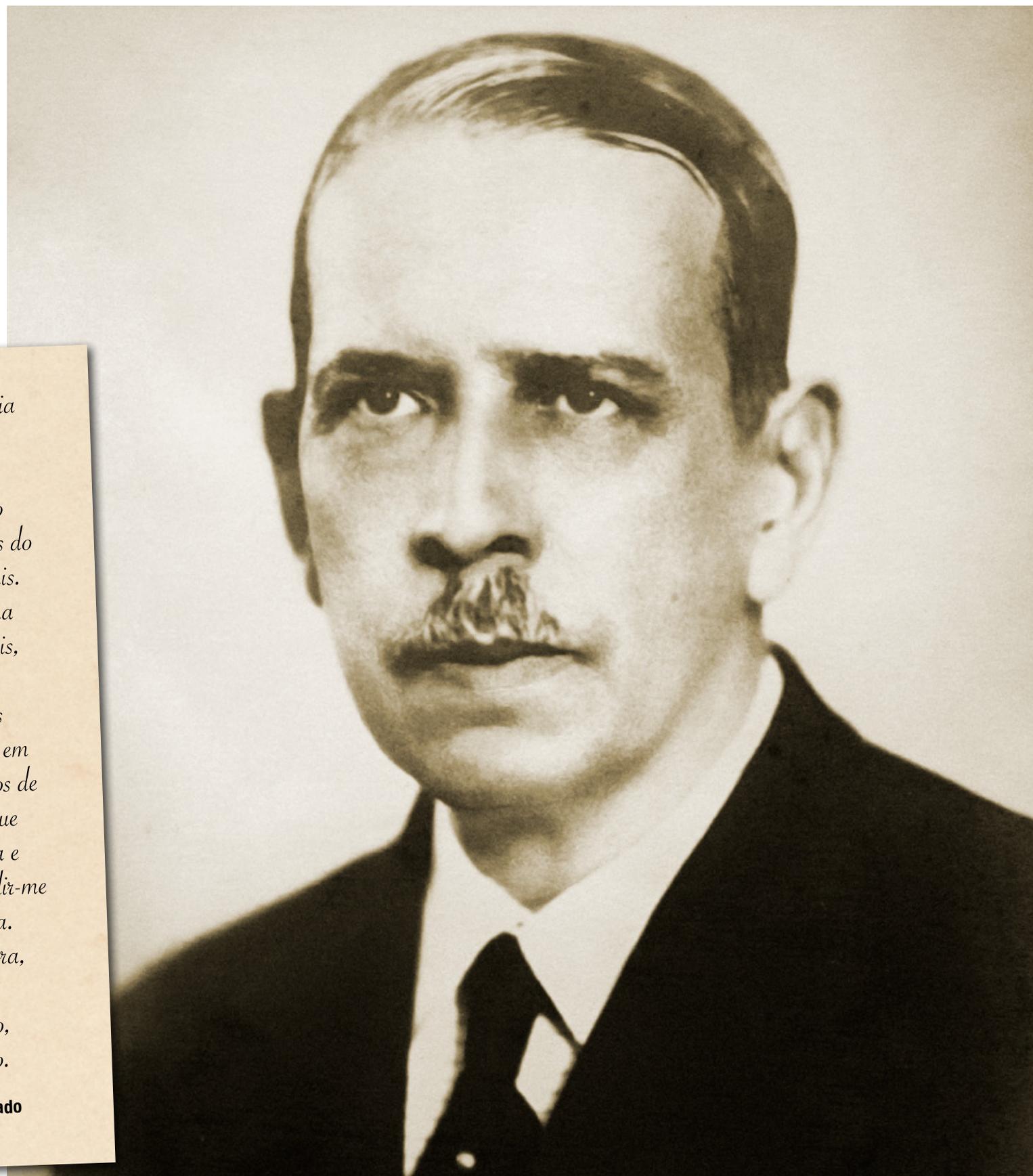
Rodrigo Garcia | rodrigogarcia@camara.sp.gov.br

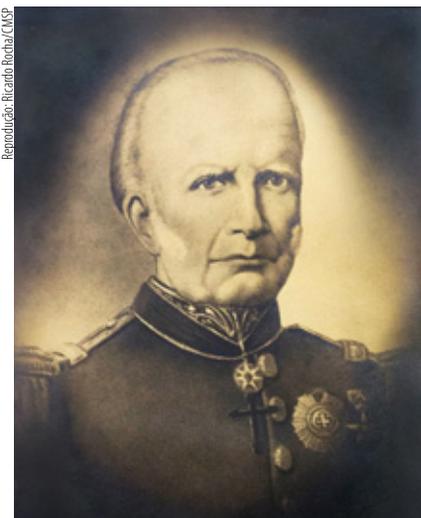
**S**e existe um paulista que pode ser chamado de quatrocentão é José de Alcântara Machado de Oliveira. O político e escritor, autor de um dos mais importantes livros sobre a história de São Paulo, *Vida e morte do bandeirante*, conhecia bem a história de sua família. Seu primeiro parente a pisar em solo brasileiro foi o português Antônio de Oliveira, em 1532, acompanhando Martim Afonso de Sousa, donatário da Capitania de São Vicente. Alcântara Machado orgulhava-se de suas origens e da terra onde nasceu. Ao tomar posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1933, fez questão de proclamar: “Paulista sou, há quatrocentos anos. Prendem-me no chão de Piratininga todas as fibras do coração”.

Alcântara Machado nasceu em 19 de outubro de 1875, em Piracicaba, interior de São Paulo, onde seu pai, Brasília Augusto, era promotor. Ainda criança, foi estudar em São Paulo. Aos

*Assim, nem por gracejo se lembraria  
alguém de pôr em dúvida o meu  
brasileirismo. Paulista sou, há  
quatrocentos anos. Prendem-me no  
chão de Piratininga todas as fibras do  
coração, todos os imperativos raciais.  
A mesa em que trabalho, a tribuna  
que ocupo nas escolas, nos tribunais,  
nas assembleias políticas deitam  
raízes, como o leito de Ulisses, nas  
camadas mais profundas do solo, em  
que dormem para sempre os mortos de  
que venho. A fala provinciana, que  
me embalou no berço, descansada e  
cantada, espero ouvi-la ao despedir-me  
do mundo, nas orações da agonia.  
Só em minha terra, de minha terra,  
para minha terra, tenho vivido;  
e, incapaz de servi-la quanto devo,  
prezo-me de amá-la quanto posso.*

**Trecho do discurso de Alcântara Machado  
na cerimônia de posse da ABL**





**PATRIOTISMO • O brigadeiro José Joaquim, avô de Alcântara Machado, foi um dos primeiros a nomear um filho como Brasília**

15 anos iniciou o curso de Direito no Largo de São Francisco (hoje pertencente à Universidade de São Paulo – USP), faculdade da qual o pai era professor. Segundo seus conterrâneos, o talento para a oratória foi herdado de Brasília, cujas participações em julgamentos atraíram grande público.

Em 1894 Alcântara Machado se formou e, no ano seguinte, foi nomeado professor de medicina legal e higiene pública na São Francisco, tornando-se o primeiro docente dessa cadeira sem o diploma de médico. Na área da medicina legal, escreveu livros como *A hipnose*, *Suicídios na capital de São Paulo* e *A embriaguez e a responsabilidade social*. O bacharel também foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo.

No final do século 19, em viagem a Taubaté (SP), Alcântara Machado conheceu a futura esposa, Maria Emília de Castilho, filha

de uma família de fazendeiros da região. O casal teve cinco filhos: Brasília, Antônio, José, Iolanda e Teresa. Durante décadas morou em uma casa na Rua Dr. Frederico Steidel, no bairro de Santa Cecília. Para tristeza da família, a casa foi destruída para a construção do Elevado Costa e Silva, em 1970.

Um dos netos do ex-vereador, Joaquim Alcântara Machado (filho de José) não chegou a conhecer o avô, que morreu antes de seu nascimento, mas é um admirador de seus livros. “Vovô tinha o domínio da língua, uma escrita fantástica, seu estilo é elegante demais, muito simples, não embola”, enaltece.

Das conversas que tinha com o pai, Joaquim concluiu que o avô, apesar de adorar a família, mostrava-se um pouco distante dos filhos, quando crianças. “Era o costume da época”, justifica o neto, que se lembra bastante da avó. “Vovó Emília gostava muito de ter os fi-

lhos e os netos por perto, todo domingo era sagrado: a gente ia visitar a casa dela”, conta Joaquim, que tem esse nome em homenagem ao trisavô, o brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira. “Tio Brasília só me chamava de Brigadeiro”, recorda-se.

Em 1911, Alcântara Machado elegera-se vereador, com 767 votos. Na Câmara Municipal de São Paulo (CMSP), por causa da experiência em Direito e em Medicina Legal, fez parte da Comissão de Justiça e Polícia. Tratou de questões como tráfego urbano, concessões de linhas de trem, limpeza pública e imposto predial. Em 11 de agosto de 1911, o parlamentar solicitou a substituição dos encanamentos dos esgotos da Rua Major Diogo, que, “por serem insuficientes e defeituosos, constituem uma constante ameaça à salubridade dos moradores”, segundo consta nos anais da Casa. Seus projetos e discursos na

**SATISFAÇÃO • “O maior orgulho de vovô foi ter sido vereador”, diz Joaquim Machado**



CMSP foram reunidos no livro *Problemas municipais*, publicado em 1917. Segundo Joaquim, seu avô costumava dizer que a função mais nobre de uma pessoa na sociedade é exercer a vereança. “O maior orgulho de vovô era ter sido vereador”, afirma.

Um fato bem marcante da história paulistana chamou a atenção de Alcântara Machado: a inauguração do Theatro Municipal, em 1911. No Plenário da Câmara, ele repercutiu denúncias divulgadas pela imprensa de que a comissão organizadora do evento tinha privilegiado algumas pessoas de destaque na cidade, reservando-lhes os melhores lugares. “O Theatro Municipal foi feito à custa de todos, mas para o gozo de alguns; o dinheiro do pobre serviu para fazer o edifício, mas no edifício não se lhe dá ingresso”, lamentou o vereador.

Eleito deputado estadual, Alcântara Machado deixou a CMSP em 1915. Nove anos depois, foi para o Senado Estadual (na época, o Parlamento dos Estados também era bicameral). Mas a Câmara Municipal continuou presente em seus textos. No discurso de posse da ABL, em 1933, fez questão de ressaltar a bravura dos vereadores paulistanos, ao citar um episódio ocorrido em 1613, no qual eles protestaram diretamente ao donatário da Capitania, Domingos Pereira Jácome, sob a alegação de que estavam sofrendo “tamanhos desaforos”, pois eram



**CAMPO PONTE GRANDE**  
O Estádio da Ponte Grande, primeiro do Corinthians, foi construído com a ajuda do ex-vereador



## O primeiro doutor corintiano

Em 23 de março de 1916, cinco anos após um grupo de operários ter fundado o Sport Club Corinthians Paulista, pela primeira vez apareceu nas atas de reuniões do clube um doutor: “Dr. Alcântara Machado”, que naquele ano foi aclamado presidente honorário do Timão.

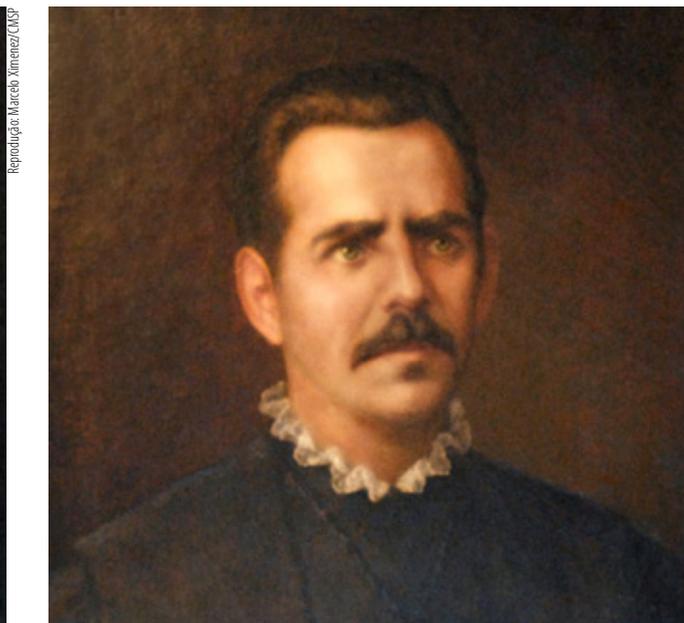
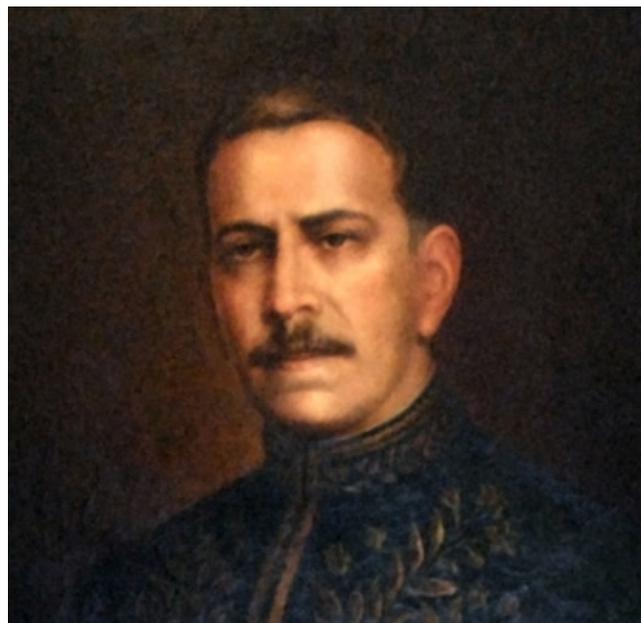
Nos mandatos de vereador e deputado estadual e também como advogado, Alcântara Machado se esforçou para que, em 1916, o Corinthians conseguisse com a Prefeitura de São Paulo o terreno para erguer seu primeiro estádio, o da Ponte Grande, próximo à Ponte das Bandeiras, zona norte da cidade. Naquele ano, ao derrotar o Taubaté por 2 a 0 o time também ganhou uma taça de prata (foto) oferecida por Alcântara Machado.

A inauguração do estádio, em 1918, segundo o livro *Coração corinthiano*, de Lourenço Diaféria e Antônio de Almeida, foi um sucesso. Cerca de 10 mil pessoas ocuparam as dependências, mostrando que o futebol já era um esporte querido do público paulistano. Como homenagem, o pontapé inicial do jogo inaugural, contra o Palestra Itália (antigo nome do

grande rival Palmeiras), foi dado por Alcântara Machado. A partida terminou empatada em 3 a 3.

A paixão pelo Corinthians passou para seus descendentes. O neto Joaquim conta orgulhoso que as trinetas demonstram entusiasmo pelo Timão. Aliás, um dos primeiros textos literários sobre o futebol foi escrito por um filho do ex-vereador, Antônio. No livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, lançado em 1927, há o conto *Corinthians (2) vs. Palestra (1)*, que descreve um dos clássicos entre os times, também conhecidos como dérbi paulista.

“Delírio futebolístico no Parque Antártica. Camisas verdes e calções negros corriam, pulavam, chocavam-se, embaralhavam-se, caíam, contorcionavam-se, esfalfavam-se, brigavam. Por causa da bola de couro amarelo que não parava, que não parava um minuto, um segundo. Não parava”, escreve Antônio de Alcântara Machado. E, como era corinthiano, na sua história o Corinthians derrota o Palestra por 2 a 1.



PAI PRA FILHO • Na APL, o ex-vereador (à esquerda) ocupou a cadeira que havia sido do pai, Brasília (à direita)

“esfolados, destruídos e afrontados” pelos capitães e ouvidores.

No livro *Vida e morte do bandeirante*, publicado em 1929, o ex-vereador citou a Câmara em várias partes. Numa delas, comentando a pouca quantidade de livros em São Paulo, escreveu: “Das obras jurídicas, só uma *Ordenação de Sua Majestade*, código precioso de que não há nenhum exemplar na vila até 1587. Devia tê-lo a Câmara; falta, porém, à Municipalidade o dinheiro bastante para comprá-lo, ao que informam as atas edíficas”.

**INTELLECTUAL REVOLUCIONÁRIO**

*Vida e morte do bandeirante* é considerada a obra-prima de Alcântara Machado. Utilizando testamentos e inventários dos moradores de 1578 a 1700, conseguiu descrever a vida cotidiana dos moradores de São Paulo durante os primeiros séculos de colonização. “Reduzir o estudo do passado à biografia dos

homens ilustres e à narrativa dos feitos retumbantes seria absurdo tão desmedido quanto circunscrever a geografia aos estudos das montanhas”, justificou-se o autor no primeiro capítulo do livro.

Segundo o crítico Sérgio Milliet, o livro de Alcântara Machado é “um quadro de cores sombrias, de composição sólida, isento de fórmulas e de malabarismos literários”. Milliet completa que a

**MUDANÇA**

Quando era diretor, inaugurou a nova sede da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco



obra “vem escrita no mais elegante e sereno estilo, numa linguagem limpa, acessível a qualquer leitor”.

Devido ao destaque no mundo literário, Alcântara Machado foi eleito para a Academia Paulista de Letras (APL) em 1919, e ocupou a mesma cadeira que havia sido de seu pai, Brasília. Em 1929, tornou-se presidente da APL, repetindo a história do pai, primeiro presidente da instituição. O acadêmico José Fernando Mafra Carbonieri afirma à *Apartes* que Alcântara

Machado deixou na APL “um histórico de cordialidade e firmeza, próprio dos pensadores que não se perturbam com controvérsias”.

Em 20 de maio de 1933, o escritor tomou posse na cadeira 37 da Academia Brasileira de Letras, sucedendo Silva Ramos. Com isso, tornou-se um “imortal”, como são chamados os membros da ABL. Um dos trechos do discurso de boas-vindas, feito pelo acadêmico Afrânio Peixoto, ressaltou que “uma obra de arte é apenas uma confissão involuntária, um de-

poimento fidedigno, e tanto maior, quanto mais fiel.” Segundo ele, a fidelidade de Alcântara Machado “está no sangue, indelével e exata”.

O ex-vereador também conquistou posições no campo do Direito. Em 1931, foi nomeado diretor da Faculdade de Direito de São Paulo. Seu grande legado foi ter construído a atual sede da instituição. Naquela época, as Arcadas, como a faculdade também é conhecida, fervilhavam de agitação política em oposição ao governo Getúlio Vargas, movimentação que levou à Revolução Constitucionalista de 1932. Com textos inflamados, Alcântara Machado foi um dos líderes do movimento. “Literatos, jornalistas, estudantes e mestres das escolas superiores: é contra

**FAMÍLIA HOMENAGEADA**

Alcântara Machado é nome de trecho de avenida de SP. Veja outros familiares que receberam honraria

**Avenida Alcântara Machado (Radial Leste)**

Ex-vereador e escritor

**Rua Dr. Brasília Machado**

Advogado e pai do ex-vereador

**Rua Brigadeiro Machado**

Político e avô do ex-vereador

**Rua Antônio de Oliveira**

Colonizador e primeiro ancestral do ex-vereador no Brasil

**Rua Antônio de Alcântara Machado**

Escritor e filho do ex-vereador

**Complexo Turístico Caio de Alcântara Machado (Anhembi)**

Publicitário e neto do ex-vereador

**Rua Brasília Machado Neto**

Político e filho do ex-vereador

**Rua José de Alcântara Machado Filho**

Empresário e filho do ex-vereador

Fonte: Dicionário de Ruas da Prefeitura de São Paulo

# Intelectual e líder político

**19/10/1875** Nasce em Piracicaba (SP)

**1894** Forma-se em Direito no Largo São Francisco (USP)

**1895** Leciona medicina legal e higiene pública na Universidade de Direito de SP

**1911** Assume como vereador de SP

**1916** Homenageado como presidente honorário do Corinthians

**1929** Publica *Vida e morte do bandeirante*

**1929** Ocupa a Presidência da Academia Paulista de Letras

**1931** Nomeado diretor da Universidade de Direito de SP

**1932** É um dos líderes da Revolução Constitucionalista

**1933** Participa da Assembleia Constituinte como deputado federal

**1933** Entra para a Academia Brasileira de Letras

**1º/4/1941** Morre em São Paulo

eles que o ditador está enviando as suas metralhadoras”, alardeava o escritor, deixando claro que a elite intelectual paulista também estava contra o governo federal, segundo o livro *Getúlio Vargas (1930-1945), do governo provisório à ditadura do Estado Novo*, de Lira Neto.

Em 1932, no dia em que se comemora a criação dos cursos jurídicos no Brasil (11 de agosto), Alcântara Machado pronunciou pelo rádio um discurso que se tornou célebre: “Saudação aos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo que nas linhas de frente estão restituindo aos brasileiros o Brasil”. No final, o professor chama os alunos de mestres e justifica: “Discípulos?

Não. Porque a vossa atitude em 23 de maio e 9 de julho inverteu os valores e destituiu de seus cargos todos o mestres. Os únicos professores são vós e os vossos companheiros de armas. A trincheira é a vossa cátedra. E o Brasil inteiro está aprendendo convosco”.

Mesmo com a derrota do movimento militar paulista, em 2 de outubro, Getúlio Vargas convocou uma Assembleia Nacional Constituinte, instalada em 1933. O ex-vereador foi eleito deputado federal e escolhido líder da bancada de São Paulo pelos parlamentares paulistas. Nos debates, procurava uma atitude conciliadora. “A obra de São Paulo, como de todos os paulistas, como de todos

os brasileiros, deve ser, nesta hora de imensas responsabilidades, uma obra de reconstrução nacional, e não de demolição ou demagogia”, afirmou em pronunciamento no Palácio Tiradentes, no Rio de Janeiro, segundo o biógrafo Marcos Santarrita.

## IRONIA DO DESTINO

Com a promulgação da Constituição de 1934, Alcântara Machado volta para São Paulo. No ano seguinte eleger-se senador, mas o mandato dura pouco, pois em 1937 Getúlio Vargas dá o golpe, instala o Estado Novo e dissolve o Congresso. A pedido do Ministério da Justiça, Alcântara Machado redige um anteprojeto de Código Penal, em 1937. Após

diversas mudanças por parte de comissões revisoras, o anteprojeto tornou-se o Código Penal Brasileiro de 1940. Contudo, o autor criticava o resultado final, alegando que havia sido muito modificado.

A paixão pela literatura e por São Paulo foi transmitida aos filhos, principalmente a Antônio, autor de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, livro de contos que descreve a modernidade chegando à capital paulista nos anos 1920. Entretanto, uma apendicite interrompeu a carreira de Antônio de Alcântara Machado, que morreu em 1935, aos 33 anos. O ex-vereador homenageou Antônio e suas qualidades literárias ao lhe dedicar o livro *Brás Machado*, biografia publicada em 1937: “À memória de Antônio de Alcântara Machado, este livro que ele imaginava escrever”. Seis anos após a morte do filho, em 1º de abril de 1941, José de Alcântara Machado faleceu e foi enterrado em São Paulo.

## HERDEIRO

Antônio, filho de Alcântara Machado e autor do clássico *Brás, Bexiga e Barra Funda*



Reprodução: Ricardo Poché/CMSP



IRONIA • O sucessor de Alcântara Machado na ABL foi seu arquirrival, Getúlio Vargas

Por uma dessas ironias que a história costuma pregar, o sucessor de Alcântara Machado na cadeira que ocupava na ABL foi o arquirrival na Revolução de 1932: Getúlio Vargas. Mas o presidente do Brasil, seguindo a tradição dos imortais, no discurso de posse fez questão de elogiar o antecessor: “Sabia sobrepor-se, serena e patrioticamente, às contingências dos acontecimentos. Esquecendo-se de si, superior às suscetibilidades e às decepções, esteve sempre pronto a aplicar o saber e a sacrificar as comodidades pessoais em proveito das iniciativas úteis à coletividade”, afirmou Vargas, em 29 de dezembro de 1943.

A Câmara Municipal de São Paulo também homenageou seu ex-integrante em 1953, nomeando uma importante avenida, na época ainda em planejamento, que ligaria a região central à zona leste: a Radial Leste. Os então vereadores

Berlinck Cardoso, Toledo Piza e Jarbas Tupinambá, na justificativa do projeto que deu origem à Lei 4.413/1953, afirmaram: “Do professor Alcântara Machado se pode dizer o que reconhecemos em todo homem criador: permanece sempre vivo, pois continua a agir depois da morte, não raro com mais vigor, através das ideias que pensou, das instituições que ajudou a fundar e da forma de vida”.

## SAIBA MAIS

- Livro**  
Alcântara Machado.  
Marcos Santarrita. Academia Brasileira de Letras e Imprensa Oficial, 2011.
- Sites**  
Academia Brasileira de Letras.  
[www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)  
Academia Paulista de Letras.  
[www.academiapaulistadeletras.org.br](http://www.academiapaulistadeletras.org.br)  
Faculdade de Direito da USP.  
[www.direito.usp.br](http://www.direito.usp.br)



# Ligada 24h

Em funcionamento há seis meses, ônibus noturnos levam milhões de paulistanos para aproveitar o comércio e os serviços que não param na madrugada

Rodrigo Garcia | rodrigogarcia@camara.sp.gov.br

Gisele Machado | gisele@camara.sp.gov.br

São 2h da madrugada de uma quarta-feira e, na Academia Gaviões, na Bela Vista, o ortopedista Flamarion Mendes do Nascimento faz exercícios. “Gosto desse horário, pois a academia está mais vazia e não tem fila nos aparelhos”, conta o médico, garantindo que diariamente treina nesse horário. “Me faz bem e eu durmo melhor”, justifica. Seu professor, Tiago Bonfim, diz que a academia não chega a lotar de madrugada, mas sempre tem movimento. “Alguns cantores famosos vêm pra cá nesse horário para fazer o treino sem ser interrompidos pelos fãs”, revela.

Uma hora depois, no pet shop Petz, na Vila Olímpia, o taxista Andre Luiz Tomassetti compra ração canina para seus três yorkshires – Nico, Jake e Maila. “Estava trabalhando e antes de ir pra casa passei por aqui”, conta, enquanto percorre os corredores da loja. O gerente do estabelecimento, Alan Couto, diz que grande parte da clientela da noite é formada por taxistas, médicos e policiais que procuram comida, material de higiene e brinquedos para seus bichos de estimação.

A manhã se aproxima. Na Padaria Iracema, em Santa Cecília, entre um pedido e outro o gerente Marcelo

Jonas da Silva dá uma pausa para falar com a reportagem. Segundo ele, nos dias úteis a maioria dos clientes é da turma que trabalha na noite. “Mas no final de semana o público muda e aparece gente indo ou vindo das baladas”, complementa. Enquanto a madrugada não termina, ainda dá tempo de passar pela Avenida Doutor Arnaldo, no Pacaembu, e comprar flores. “A maior procura é por rosas vermelhas, com os rapazes querendo fazer uma média com as garotas”, afirma Ariel Mastroti, vendedor do Box 5.

Esses são alguns exemplos de comércios e serviços que funcionam na cidade de São Paulo na madrugada. Além dos tradicionais, como hospitais, bares, farmácias, chaveiros e funerárias, há também os menos conhecidos, como temakerias, cinemas e loja de material de construção, mostrando que a cidade não dorme.

A dificuldade de se deslocar, um dos obstáculos para que os paulistanos aproveitem essas opções “fora do horário comercial”, foi discutida na Câmara Municipal de São Paulo (CMSP) e, para resolver o problema, a Casa aprovou iniciativa que instituiu o ônibus circular noturno, a Lei 15.934. Os autores da proposta, vereadores

Gilson Barreto (PSDB), Marquito (PTB), Pr. Edemilson Chaves (PP) e Vavá (PT), explicaram na justificativa do projeto de lei que a circulação dos ônibus de madrugada beneficia toda a população, pois “mais pessoas podem circular para usufruir a vida noturna da cidade, fazendo girar ainda mais a economia e gerando mais empregos”.



**ROMANTISMO**  
Rosas vermelhas são as flores mais vendidas no final da noite, diz Ariel

O serviço, batizado de Noturno, entrou em funcionamento em fevereiro de 2015. Nos seis primeiros meses, 4,96 milhões de pessoas usaram ônibus na cidade entre 0h e 4h, segundo pesquisa realizada pela São Paulo Transporte S.A. (SPTrans) e divulgada em setembro. “O Noturno está demonstrando que tem capacidade de atendimento e vem servindo de modelo para futuras melhorias em todo o sistema de operação dos ônibus na cidade”, afirma o secretário municipal de Transportes, Jilmar Tatto.

Segundo a SPTrans, 44,7% dos usuários disseram que precisavam ser atendidos por esses novos horários. O levantamento da empresa aponta que 78% de quem utiliza o Noturno são trabalhadores da madrugada, sendo que três quartos deles atuam no setor de serviços. Outros 17% dos passageiros usam as linhas para lazer e 3% são estudantes.

Vavá, que já foi cobrador e motorista de ônibus, lembra que quando trabalhava de madrugada percebia que os passageiros eram, principalmente, garçons e cozinheiros voltando do trabalho e feirantes começando o dia de serviço. “Quem perdia um ônibus tinha de esperar muito pelo outro, agora não mais”, afirma o parlamentar. Se-



Mozart Gomes/USP

O Pastor Edemilson enaltece a importância da lei e lembra que “São Paulo é uma megalópole onde tem gente circulando 24 horas, para ir e vir do trabalho e lazer e para necessidades de saúde, em busca de atendimentos de emergência”.

**MUDANÇA DE IMAGEM**

De acordo com a SPTrans, 475 veículos (mais 71 reservas) atuam no Noturno, que funciona em todas as regiões da cidade. Equipes da SPTrans e da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) estão monitorando e ajustando o cumprimento de horários e o desempenho. A Guarda Civil Metropolitana (GCM) dá apoio à segurança operacional, enquanto o Departamento de Iluminação Pública (Ilume) tem providenciado iluminação para os 160 pontos de conexões da rede.

A rede de ônibus na madrugada conta com 50 linhas em grandes corredores, que funcionam com veículos partindo em intervalos de

gundo ele, o projeto foi apresentado também com o intuito de diminuir o número de acidentes de trânsito. “As pessoas que beberem, em vez de ir de carro se divertir à noite, poderão ir e voltar de ônibus”, sugere Vavá.

**DIA E NOITE • “Em São Paulo as pessoas circulam 24 horas”, afirma o vereador Pastor Edemilson Chaves**



Equipe de Eventos/USP

**ENTREVISTA**  
**Heliana Vargas**

A arquiteta e economista **Heliana Comin Vargas**, coordenadora do Laboratório de Comércio e Cidade da Universidade de São Paulo (USP), explica que um comércio 24 horas não se define “por decreto”. Segundo ela, a existência e viabilidade das atividades 24 horas depende “da presença de consumidores para os produtos e serviços oferecidos durante o período noturno”.



*Atividades noturnas podem significar ganho de produtividade”*

Laboratório de Comércio e Cidade/USP

**AGILIDADE • “Quem perdia um ônibus tinha de esperar muito pelo outro”, lembra o vereador Vavá**

15 minutos. Essas linhas alimentam outras 101, que fazem a ligação com os bairros, com intervalos de 30 minutos entre as partidas. No total, 32 terminais são atendidos, entre municipais e metropolitanos.

Os coletivos circulam perto de hospitais, velórios, delegacias, casas de espetáculos e arenas esportivas, entre outros estabelecimentos em que, tradicionalmente, há grande concentração de pessoas. Também passam pelas principais estações de metrô ou nas suas imediações.

A diretora de Planejamento da SPTrans, Ana Odila de Paiva Souza, reforça o sucesso dos ônibus da madrugada. Segundo ela, de sábado para domingo o número de usuários passou de 24 mil em fevereiro deste ano para 38 mil em agosto. “Isso mostra que estamos conseguindo mudar a imagem dos ônibus. Os usuários estão confiando mais”, acredita. De acordo com a diretora, o número de atrasos na madrugada tem sido muito pequeno.

**Qual a origem do comércio 24 horas em São Paulo?**

**Heliana Vargas:** Além das farmácias, que sempre foram uma atividade de funcionamento 24 horas e que no passado organizavam-se por meio de rodízios de plantões, essa modalidade de comércio em São Paulo teve origem em lojas de conveniência de postos de gasolina, que também permaneciam abertas. Depois, alguns estabelecimentos, principalmente os que ofereciam serviços de refeições em locais de maior fluxo, começaram a surgir, como bares e padarias. Então, alguns supermercados iniciaram o processo com poucas lojas e ampliaram para quase toda a rede, mas recentemente interromperam esse horário.

**Qual a situação atual desse comércio?**

Só as maiores cidades, com grande mercado, conseguem viabilizar esses tipos de atividades em decorrência do funcionamento noturno de hospitais, indústrias, gráficas, hotéis, lazer noturno, centros de telemarketing e carga

e descarga para estabelecimentos das mais diversas naturezas, entre outros. A existência desse fluxo de pessoas em grande quantidade é o que animará o comércio e serviços para permanecerem abertos 24 horas. Não se pode definir o funcionamento ininterrupto de ruas ou cidades por decreto. Tudo é uma questão de haver mercado.

**Quais as vantagens para o município?**

Quando as cidades atingem uma dinâmica e grandeza suficientes para atrair o funcionamento de uma atividade 24 horas, esta passa a funcionar como um elemento de atração de novos fluxos, principalmente os relacionados à cultura e ao lazer, criando oportunidades de emprego. Bares e restaurantes são um bom exemplo dessa condição. A realização de atividades noturnas também pode significar um ganho de produtividade, seja para a empresa ou para o empregado que se utiliza da cidade no contrafluxo (energia, redes virtuais, telefonia, trânsito).



**NOTURNO**  
O ortopedista Flamarion do Nascimento faz academia na madrugada

Marcelo Ximenez/USP



Marcelo Ximenez/USP

**ALTERNATIVO**

**O taxista Andre Tomasseti aproveita o pet shop que não fecha para comprar ração para seus cachorros**

Uma das usuárias do Noturno, Luciene Santos da Silva, que sai do trabalho às 4h, elogia o fato de os ônibus passarem de 15 em 15 minutos.

**VANTAGENS**

Para o economista-chefe da Associação Comercial de São Paulo, Marcel Solimeo, é importante haver mais ônibus circulando de madrugada. Segundo ele, para um comércio funcionar de forma ininterrupta, três fatores são necessários: segurança, iluminação e transporte. Solimeo explica que nas madrugadas a cidade continua funcionando e há uma demanda para ser atendida pelos estabelecimentos. “São Paulo tem vida 24 horas e o comércio reflete essa característica”, diz.

O economista também chama a atenção para uma vantagem aos comerciantes: “Como não é todo mundo que fica aberto, o comércio tem uma vantagem adicional, a menor concorrência”. Porém, ressalta que o comércio como um todo está passando por um processo de desaquecimento muito forte em

virtude do desemprego, da queda de renda, do crédito caro e da falta de confiança do consumidor. “O problema não é a hora, é o bolso”, resume.

## Livros e cultura 24x7

Maior biblioteca pública de São Paulo, a Mário de Andrade, localizada no centro da cidade, funcionará 24 horas, sete dias por semana, a partir de janeiro. A mudança ocorre para melhorar a capacidade de atendimento do local, hoje disputado por 1.200 visitantes ao dia. “Como não podemos aumentar o espaço físico, a única opção é ampliar o horário de atendimento”, explica o diretor Luiz Armando Pagolin.

A mudança é embasada em pesquisas que apontaram o desejo de muita gente em usar o espaço em horários alternativos, principalmente acadêmicos e estudantes que trabalham em horário comercial. Atualmente, a biblioteca funciona de segunda a sexta, das 8h30 às 20h30, e aos sábados, das 10h às 17h.

O atendimento na madrugada e aos domingos será automatizado. Haverá opções de lazer, como saraus e espetáculos teatrais, além de um café. Segundo Pagolin, a Biblioteca Mário de Andrade tem 56 mil usuários cadastrados, com carteirinha.

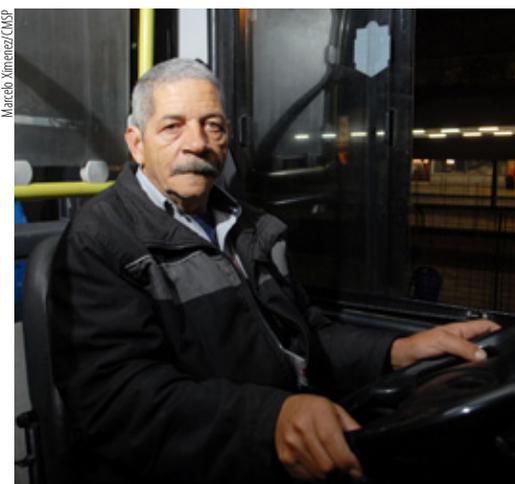
A instabilidade econômica também levou o Grupo Pão de Açúcar a reduzir o horário de alguns supermercados Extra e Pão de Açúcar que funcionavam 24 horas. Segundo nota do grupo à **Apartes**, a decisão foi baseada em estudos de comportamento dos consumidores, que “apontaram baixa adesão às compras no período da madrugada”. Em dezembro, o Grupo decidiu que algumas lojas do Extra voltariam a funcionar o dia inteiro, mas as do Pão de Açúcar continuariam a fechar mais cedo.

Do ponto de vista dos trabalhadores da madrugada, atuar nesse período pode ser bem vantajoso. Segundo a economista Fernanda Della Rosa, assessora da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (FecomercioSP), “uma jornada de trabalho fora do horário de pico, principalmente para quem necessita utilizar o transporte público, é uma possibilidade interessante”.

Fernanda ressalta que a partir das 22 horas o empregado tem direito ao adicional noturno, um complemento de renda de, no mínimo, 20% sobre a hora trabalhada durante o dia. Um desses beneficiados é o condutor de ônibus Dorivaldo Castro Ribeiro, há 28 anos no turno da madrugada. “Esse horário não atrapalha em nada”, conta Ribeiro, que completa: “Minha esposa nem reclama porque sabe que eu gosto”.

Para a cidade, o comércio 24 horas também traz contribuições. “A concentração de pontos comerciais em determinadas ruas traz efeitos positivos para o lugar, melhorando a iluminação, aumentando o número de passantes e a segurança, possibilitando o acesso aos diversos serviços e produtos”, explica a economista.

A Associação Comercial e a FecomercioSP ainda não realizaram um



**SATISFAÇÃO** • Há 28 anos trabalhando na madrugada, o motorista Dorivaldo Ribeiro diz preferir o horário

estudo específico sobre o comércio 24 horas na capital. De acordo com Elaine Buava, gerente administrativa das unidades de Perdizes e da Bela Vista da Academia Gaviões, o horário da madrugada é responsável por cerca de 10% da receita total. “Abrimos 24 horas mais pelo diferencial, para reforçar a marca, para atender quem não tem disponibilidade no horário comercial”. Elaine explica que parte do público noturno é formada por médicos e profissionais liberais e artistas, por conta da flexibilidade de horário. 

### SERVIÇO

Linhas de ônibus que circulam de madrugada

[www.sptrans.com.br/noturno](http://www.sptrans.com.br/noturno)

Veja também na programação da TV Câmara:



[www.camara.sp.gov.br/tvcamara](http://www.camara.sp.gov.br/tvcamara)

# CÂMARA NO SEU BAIRRO. A CÂMARA DE VEREADORES DE SÃO PAULO VAI AO SEU ENCONTRO POR UMA CIDADE MELHOR.

É a chance de apresentar as necessidades e sugestões para a sua região.

- Serão realizadas 32 sessões plenárias em toda a cidade neste ano.
- Confira as datas e locais de todas as sessões em [www.camara.sp.gov.br](http://www.camara.sp.gov.br).



CÂMARA MUNICIPAL DE  
SÃO PAULO



Portal da Câmara  
[www.camara.sp.gov.br](http://www.camara.sp.gov.br)



TV Câmara [www.tvcamara.sp.gov.br](http://www.tvcamara.sp.gov.br)  
Canal Aberto Digital 61.4  
Net - Canais 13 (Cabo) e 3 (Digital)

É a Câmara de Vereadores de São Paulo  
cada vez mais perto de você.

[facebook.com/camarasaopaulo](https://facebook.com/camarasaopaulo)  
twitter: @camarasaopaulo

